



Blumenau em cadernos

TOMO XXVII

* Outubro de 1986

N.º 10

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

BUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.

PAUL FRITZ KUEHNRIK

CASAS BUERGER

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVII

Outubro de 1986

Nº. 10

S U M A R I O

Página

Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	286
Aconteceu — Setembro de 1986	289
Brusque e sua História	291
Figuras do Presente — ALFREDO RADLOFF — Edith Kormann.	293
Subsídios Históricos — Coordenação e tradução: Rosa Herkenhoff	294
Para meu neto Peter Kuhles Ebert — Edith Ebert Kuhles	296
Prefeito Dalto dos Reis e Embaixador da DDR abriram a exposi- ção fotográfica na biblioteca	315
Grande sucesso da Oktoberfest	316

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cz\$ 20,00

Número avulso Cz\$ 2,00 -- Atrasado Cz\$ 3,00

Ass. p/o exterior Cz\$ 50,00 mais o porte Cz\$ 10,00 total Cz\$ 60,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

Parece haver, nesta fase da literatura catarinense, uma nítida preferência pela poesia por parte dos autores que produzem e publicam suas obras. Essa é pelo menos a impressão que me fica da quantidade de trabalhos poéticos que recebo, muito superior aos escritos em prosa. Essa poesia é das mais variadas tendências, indo do poema homérico aos versos regionais, do lírico ao trágico, do social ao vivencial, fornecendo leitura para os mais variados gostos.

Entre as publicações mais recentes destaco "Inventário", de Carlos de Freitas (FCC/Thesaurus), livro longamente esperado pelos que conhecem o trabalho desse antigo jornalista, ensaísta e poeta, cujo livro anterior apareceu em 1968 ("Quarenta dias Quarenta noites"), obtendo na época excelente acolhida de críticos e leitores. Um poema dessa obra ("Não te inquietes") fez grande sucesso, "caiu na boca do povo", era recitado com entusiasmo nos meios jornalísticos paulistas, onde o autor exercia sua atividade.

Apesar da estréia auspiciosa, só em 1982 decidiu-se o poeta pela confecção do livro agora aparecido, o que evidencia sem dúvida a exigência com que exercita a arte de seus versos. Jornalista por vocação, com centenas de trabalhos publicados na imprensa — reportagens, artigos, crônicas, crítica literária e política — Carlos de Freitas não consegue, no entanto, esconder o poeta que vive dentro dele. E neste "Inventário", amadurecido pela vivência da imprensa, pelo dia-a-dia da redação do jornal, noticiando e comentando as grandezas e as misérias da vida, o poeta faz um balanço dos altos e baixos da existência, ou, como escreveu alguém, "uma reflexão lírica muito forte, despojada e autêntica."

Nesses poemas compactos o poeta se defronta com o tempo (permanente inquietação humana), o espaço para as viagens (interiores ou não), o amor e a procura, nossas dívidas e compromissos funcionando como amarras, a solidão (inclusive do ato de escrever), as questões, enfim, que se acometem sobre o homem vivido e sensível. Poemas feitos "como quem faz uma casa, com o amor e a humildade do camponês que constrói sua casa", onde estão presentes os enigmas da condição humana. Mas, no inventário final, apesar de tudo, "olhar o céu sem ódio e sem medo/não aguardar a visita de lembranças/punições/ou recompensa arduamente esperada./Saber que o dia de amanhã/não estará preso a promessas/dos homens e dos deuses."

Duas coletâneas publicadas pela "Shogun Editora e Arte" (Rio),

E. A. V. CATARINENSE Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

contém trabalhos de autores catarinenses. Em "Literatura Brasileira" aparecem Agenor Mário Cattoni, Ana Izabel Jatobá de Souza, Harry Wiese, enquanto que em "Antologia Poética de Cidades Brasileiras" aparecem Cíntia Schwantes (Florianópolis), Adiléia Aparecida Bernardo, Diva Farret Rangel, Elisa Probst, Fabíola Ramos, Izabel Mussi Schramm, José Roberto Martins, Lourival Goedert, Maria José Ribeiro, Roberto Carlos Belli, Tânia Silvia Rodrigues e Valdemiro Ramos (Blumenau), Adair José de Aguiar, Arthur Roberto Vogel, Edézio Alfredo Bridi, Harry Wiese e Mauro Celso de Aguiar (Ibirama), Eugênio Colossi, Genimar Pereira, Izair Romani, Juvilde Locatelli, Nedi Terezinha Locatelli e Neudir José Somariva (Ipumirim).

Predominam os poetas, a grande maioria procurando expressar-se em versos. Mas todos esses catarinenses buscam meios e modos para a comunicação, retirando da gaveta o que produzem. Pena que a editora sobrecarregue de matéria os volumes, não dando a cada trabalho o destaque merecido.

Creio que Neide de Cássia Vieira é a única poeta regionalista de Santa Catarina, pelo menos não me ocorre de momento nenhum outro nome. Essa lageana de Coxilha Rica, nos seus dezenove anos de idade, é pois um fato raro nas letras e na poética catarinense, onde o regionalismo, em prosa ou em verso, é uma corrente das mais modestas.

Nascida e criada em plena campanha, conhecedora dos usos e costumes da terra, dominando o linguajar local como poucos, ela prima pela autenticidade. Seu regionalismo não é uma atitude ou uma opção literária, mas a inclinação natural imposta pelo meio em que vive e no qual se integra com perfeição. Dotada de sensibilidade poética e de espírito criativo, ela põe em versos a própria experiência de sua vida, acrescida dos conhecimentos herdados das outras pessoas, onde se entranham os valores, as crenças, a filosofia de vida, a psicologia do povo, o folclore, a paisagem física e humana dos serranos do campo.

"Tropa Lembrança", seu livro de estréia (Martins Livreiro Editor — P. Alegre — 1986), reúne um conjunto de "poesias crioulas" em que está presente o sentimentalismo do campeiro, vítima perene de uma nostalgia indefinível e que talvez se explique pela sensação de isolamento na imensidão do campo batido pelo vento. Deve ser por isso que saudade, de uma ou outra forma, é uma presença frequente neste versos em que a autora pinta a vida da estância, quadros da história campeira, desvenda sua alma ao leitor, confessando-se e inquietando-se diante de graves questões universais. Escrevendo sem peias, falando tal como fala o campeiro, ela diz bem o que sente e consegue chegar ao coração do leitor, em especial daqueles que têm na região suas raízes. Esperamos que a poeta lageana encontre sempre motivos para seus versos e que venha com eles reforçar a nossa minguada estante dos regionalistas.

Surgiram em Joinville as Edições Ipê, coordenadas por Dúnia

de Freitas e Mila Ramos, publicando textos em papel dobrável, a exemplo das "sanfonas", embora em formato menor. A segunda dessas publicações denomina-se "Seis pedaços de dois" e contém seis poemas de Marcos Laffin, poeta jovem cujos trabalhos vêm merecendo atenção e aplauso. Oportunamente algumas de suas poesias serão publicadas na Página Literária da "Tribuna".



— Faleceu a 7 do corrente, em Salvador, o conhecido poeta popular Rodolfo Coeího Cavalcante, vítima de atropelamento. Autor de centenas de folhetos de cordel, em que biografava personalidades brasileiras (inclusive diversos catarinenses) ou relatava fatos da história e do folclore, era o último trovador brasileiro que vivia exclusivamente dessa atividade.

— Está circulando o número 12 da revista "Em Tempo", publicada na cidade de São Miguel do Oeste (que preferem chamar pelo antigo nome de Vila Oeste), mantida pelos escritores e poetas da região, tendo à frente o editor Nelci Andrado Mittmann e que está completando quatro anos de existência. Este número contém colaboração de autores do Estado e de fora dele, predominando a poesia. Ao pessoal de "Em Tempo" vão os nossos parabéns e os votos de que continuem na luta.

— Estão abertas as inscrições para o Concurso Literário 1986, da Fundação Catarinense de Cultura, que deverá conceder os prêmios Luís Delfino (poesia) e Virgílio Várzea (conto). O prazo irá até 31 de janeiro de 1987 e maiores informações poderão ser solicitadas à Caixa Postal D 31, Florianópolis.

— Está funcionando em Blumenau o "Cineclube Acorde Povo", cujos estatutos já foram aprovados e eleita a primeira diretoria. Os interessados em participar das reuniões ou associar-se poderão dirigir-se ao Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal.

— A cidade de Canoinhas, ao norte do Estado, ganhou um novo jornal. Trata-se de "Jornal da Cidade", em formato tablóide, tendo como diretor o escritor Fernando Tokarski e como jornalista responsável Bráulio Renato Moreira. O número inicial circulou em 11 de outubro.

— Foi instalada em Blumenau a Delegacia Regional da Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina (AESC), na noite de 26 de setembro, no plenário da Câmara Municipal. A solenidade contou com a presença do presidente da entidade, o escritor José Gomes Neto, dos escritores Glauco Rodrigues Corrêa, da A.C.L., e Silveira de Souza, da F.C.C., e da quase totalidade dos associados da região, em número de vinte e três. É a maior Delegacia do Estado e foi empessado como Delegado o titular desta coluna.

— E por falar em AESC, a entidade está enviando ofício-circular aos sócios dando conta de suas atividades no primeiro semestre de existência. Dele se verifica que inúmeras metas já foram alcançadas, inclusive a obtenção de sede própria, no edifício da antiga Alfândega, na capital do Estado. Muitas outras realizações já se concretizaram.

— DIA 1.º — Promovidas pelo Departamento de Cultura da Prefeitura, foram abertas duas exposições, no Teatro Carlos Gomes; versando sobre “Cidade e Arquitetura na Charge” e mostra de cartazes sobre “Índios” e “Músicas”. Aquelas exposições que foram bastante visitadas, permaneceram até o dia 8.

* *

— DIA 2 — Blumenau registrou seus 136 anos de fundação. Com um programa bem elaborado, tendo como destaque a homenagem ao fundador junto ao Mausoléu, e após um desfile das sociedades de atiradores, o acontecimento foi festejado, contando com a participação, em massa, da população. Também participou das festividades, vindo especialmente para isso, o embaixador da R.D.A., Sr. Werner Aenholdt, o qual, ainda no mesmo dia, assistiu o descerramento da placa que denomina de Hasselfelde, uma das principais ruas de acesso ao loteamento Portal da Saxônia.

* *

— DIA 2 — Com a presença do prefeito Dalto dos Reis e outras autoridades, foi feita a entrega, pelo embaixador da R.D.A., sr. Werner Aenholdt, de uma coleção de livros — literatura e didática — muito valiosa, à Biblioteca da Fundação “Casa Dr. Blumenau”, assim como uma coleção de LPs com música erudita dos maiores autores, que a Fundação destinou ao coral Camerata Vocale.

* *

— DIA 2 — Com a presença do embaixador Werner Aenholdt, da R.D.A., assim como do prefeito Dalto dos Reis e de outras autoridades, foi aberta a exposição de fotografias da República Democrática Alemã, que permaneceu duas semanas, na sala nobre da Biblioteca da Fundação “Casa Dr. Blumenau”.

* *

— DIA 3 — No Teatro Carlos Gomes, foi aberta a exposição do pintor Êrico da Silva, denominada “A Magia da Cor”, que alcançou pleno êxito.

* *

— DIA 4 — No salão de mármore da Biblioteca Central da FURB, realizou-se a solenidade de abertura, às 19,40 horas, da Exposição de Trabalhos de Aderbal Ramos Vitorino, evento promovido pela Divisão de Promoções Culturais da FURB.

* *

— DIA 5 — No saguão da FURB, realizou-se a abertura da Exposição “Papel mágico”, de Luis Fernando Couto.

* *

— DIA 6 — Com um grandioso baile, que foi bastante concorrido o Bela Vista Country Club festejou a passagem dos 24 anos de sua fundação.

* *

— DIA 7 — Sob os auspícios da Albany International Indús.

tria e Comércio, foi realizado um grande concerto pela Orquestra de Câmara do Teatro Carlos Gomes. A presença de grande público que lotou o auditório marcou o sucesso da iniciativa daquela importante empresa.

* *

— DIA 10 — No Centro de Convenções do Teatro Carlos Gomes, realizou-se o coquetel de abertura da exposição das artistas Liane Hirtz e Rejane Hirtz Trein, trabalhos realizados com cerâmica e vidros.

* *

— DIA 11 — Foi aberta, com grande participação de criadores e expositores, a 7.^a Expo-Feira de Gado Leiteiro Regional e 3.^a Feira Estadual, realizada no pavilhão de exposições "Dr. João Dellamaria Cavallazzi, ao lado do Galegão.

* *

— DIA 11 — Com a presença de mais de duzentas pessoas, realizou-se, na Biblioteca "Dr. Fritz Müller", da Fundação "Casa Dr. Blumenau", a grande noite de autógrafos, com a participação dos autores — Enéas Athanázio, Edith Kormann, Beatriz Pellizzetti, Martinho Bruning e Urda Alice Klueger. O prof. Lauro Junkes, da UFSC, fez a apresentação dos autores. Após, os presentes participaram de uma noite de queijos e vinhos, no mesmo local, oferecida pela entidade anfitriã.

* *

— DIA 12 — No auditório do Centro Integrado de Cultura "Prof. Herique da Silva Fontes", em Florianópolis, realizou-se a Sessão Especial comemorativa do nonagésimo aniversário de fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, que tem na presidência o prof. Victor Antonio Peluso Júnior.

* *

— DIA 13 — Em Blumenau foi iniciado o cumprimento de vasto e bem elaborado programa, no Centro Campestre de Salto do Norte, para comemorar a passagem de 40 anos de existência do SESC.

* *

— DIA 16 — De acordo com o noticiário da imprensa neste dia (JSC), o final da semana iniciado dia 7 e terminado dia 14, assinalou nada menos do que trinta acidentes de trânsito, dos quais resultaram duas mortes. Foi um verdadeiro record.

* *

— DIA 19 — Uma seleta comissão especialmente designada, selecionou e apontou, afinal, o Operário Padrão blumenauense 1986. A escolha recaiu na figura do sr. Harry Boos, que exerce suas funções profissionais na ARTEX.

* *

— DIA 19 — No auditório do CIC — Centro Integrado de Cultura, de Florianópolis, foi proferida, pelo jornalista José Gonçalves, diretor executivo da Fundação "Casa Dr. Blumenau", palestra versando sobre "A participação da Comunidade na Construção do Prédio destinado à Biblioteca e ao Arquivo Histórico. Estavam presentes todos

os arquivistas catarinenses que participaram do Encontro lá realizado.

* *

— DIA 23 — Com um concorrido coquetel, foi aberta a exposição de pinturas e aquarelas dos artistas Denise Dubiella, Raynério Krieger e Jorge Grimm. Na ocasião houve uma apresentação musical a cargo de Patrícia Lins (piano), e Elsa Cristina Bewian (flauta transversal). O ato aconteceu no saguão da FURB.

* *

— DIA 26 — O Divisão de Exposições Culturais da FURB e a Escola Técnica do Vale do Itajaí, promoveram a I GruPirâmide — A Literatura Brasileira em Pirâmides, cuja abertura ocorreu no Bloco G da FURB.

* *

— DIA 26 — Com a presença de numerosos convidados, realizou-se a solenidade de instalação da Delegacia Regional da AESC — Associação dos Escritores de Santa Catarina —, em Blumenau e posse de seu Delegado nomeado, o escritor Enéas Athanázio. O local da solenidade foi a Câmara Municipal de Blumenau, às 19,30 horas.

Brusque e sua História

CÓPIA DO DIÁRIO DE GUSTAVO SCHLOESSER, ESCRITO EM ABRIL DE 1896

“Queridos amigos e Colegas.

Vocês devem ter-se admirado de que eu não lhes tenha dado notícias. Acreditem, não é tão fácil dizer a verdade a alguém, antes que a gente não se tenha informado pessoalmente de como são as coisas. Eu agora estou aqui há mais de dois meses e constatei pessoalmente que as coisas no Brasil não são tão maravilhosas como se tem publicado.

Com esta eu lhes relato todo o ocorrido:

I — As ocorrências da viagem. II — A instalação e III — As condições do país. Em poucas linhas eu quero lhes fazer o relato preciso e verídico.

Queridos Colegas! De Lodz eu fui de barcaça através da fronteira de Kalisch para Otopawe/Ostrow em Schmagest, sob tempestade e gelo liso, o que durou 3 dias. Quinta-feira à tarde, à 1 hora, segui com o trem de Ostrow para Hamburgo, pois eu tinha pretendido ligação direta por trem, mas aconteceu de modo diferente. Tivemos baldeação em Posen, Kreuz e Berlim e desembarque em Hamburgo na noite para sexta-feira. Chegamos às 12 horas e lá fomos levados de trem pra lá e pra cá, até que, após muito esperar, às 6 horas da manhã de sexta-feira tivemos de desembarcar em Spandau. Eu apresentei queixa pelo fato de ser inutilmente atrasado e que perderia o navio, mas de nada adiantou e me disseram que, por causa da doença

de cólera, ninguém que viesse de Galixia ou Rússia poderia desembarcar em Hamburgo sem ser banhado, isto é, desinfetado, ou em alemão — defumado. Essa defumação custou 2 Marcos por cabeça. Essa vistoria durou em Spandau até 5 horas da tarde. Então fomos diretamente para Hamburgo, onde chegamos às 10,30 da noite na estação ferroviária.

Desembarcamos, fomos recebidos por policiais e cada um tinha de apresentar sua passagem de navio ou endereço para onde se destinava; então fomos colocados num carro como sardinhas e levados para o salão de emigração. Lá é que começaram com perguntas e escritas, e eu nada tinha além da carta de Kreibich, o que não bastou e me disseram que eu nem podia ir para o Brasil se eu não tivesse passagem de navio. Eu me apoiei na carta, mas quando no dia seguinte eu apresentei a carta ao expeditor de Freitas & Comp., este sacudiu a cabeça e disse que não sabiam de nada e que no dia 18 de dezembro sairia outro navio. O que é que eu faria agora? Eu tinha pago com antecedência para 5 dias, isto era até dia 18 Dez. e importava na soma de 22 Marcos. Eu tinha muito pouco dinheiro e voltar eu não queria e não podia mais. Vocês podem imaginar como a gente se sente numa situação dessas. Eu tomei a decisão de não sair de Hamburgo enquanto não recebesse resposta de Kreibich, nem que eu tivesse que ficar 8 semanas nos ranchos. Assim, eu escrevi dia 16 uma carta ao Kreibich e lhe pedi para enviar uma orientação telegráfica à Companhia Naval. Quando dia 17 fui ao escritório querendo perguntar alguma coisa, disseram-me que alguém se tinha prontificado de conduzir-me, a mim e a minha família, de graça para o Brasil. Eu tive que assinar imediatamente a passagem e fui levado no dia 18 para o vapor Paraguassú, para às 4 horas da manhã de 19 partimos e paramos em Lisboa. Lá era primavera, 6 dias afastados de Hamburgo. Após 2 dias de parada, seguimos para Madeira e lá paramos 1 dia e meio. De lá para S. Vicente e de S. Vicente para Bahia. De Bahia para S. Vitória e S. Vitória para o Rio de Janeiro. De Rio de Janeiro para Desterro e de Desterro para Itajahy e de Itajahy para Brusque. Brusque é uma pequena cidadezinha de aproximadamente 400 habitantes. Sem vida comercial; os comerciantes que estão dentro fazem seus negócios são alemães, não empresários, que assim gostam de negociar à sua maneira com os colonos. Eles têm quase todo colono — pelos comerciantes chamados "Venteur" (vendedor) — no bolso; o colono não recebe dinheiro e sim, deve em troca comprar outra mercadoria, e com essa trapça o colono não consegue dinheiro e o comerciante fica cada dia mais rico; ele ganha com 100 por cento."

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil Blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

ALFREDO RADLOFF

Edith Kormann

O disco "Blumenau Bandoneon Duo", mostra a capacidade e sensibilidade artística de Alfredo Radloff, que desde os 7 anos de idade interessou-se pelo bandôñion. Seu pai, August Radloff, desbravador do Vale do Itajaí, além de colono era professor de bandôñion que ministrava as aulas aos seus alunos pela manhã, ao meio-dia e à noite, em troca do auxílio dos mesmos em sua lavoura. Alfredo observava as aulas ministradas pelo pai aos alunos, e quando os mesmos se dirigiam para a lavoura, repetia as aulas no bandôñion. O seu talento para a música fez com que ele em pouco tempo executasse as primeiras valsas e marchas, e aos 12 anos já colaborasse com o pai nas aulas e também nos bailes. Alfredo comprou também um violino e como não sabia afiná-lo, comprou um método para violino. Um violinista que ouviu Alfredo, ficou admirado do seu aprendizado sem mestre. Alfredo transpõe músicas para acordeon, bandôñion e violão. Compôs entre outras músicas, a "Marcha de Abertura" ou "Marcha do Clube de Caça e Tiro Passo Manso", escrita para 1.º, 2.º e 3.º acordeons; a valsa "Ao pôr do sol" e a marcha "Cidade Jardim". August Radloff, pai de Alfredo, fundou a "Bandinha Radloff" com cinco e às vezes seis elementos, da qual participavam seus filhos inclusive Alfredo. Mais tarde a "Bandinha Radloff" passou a ser dirigida por Alfredo e compunha-se dos músicos: Max Eckardt (baterista), Rudolfo Radloff (baixo), Alfredo Radloff (acordeon e bandôñion), Walter Weise (bandôñion) e Max Fischer (pistão). Alfredo Radloff, participou em Pomerode, onde recebeu medalhas, nos Festivais de Bandinhas dos anos, 1979, 1982, 1983 e 1984. Participou também da I FEMURB — Rio Bonito em Joinville. Possui também várias medalhas conseguidas em festas de Atiradores, nas quais foi rei quatro vezes. Formou o Clube de Acordeon em Salto Weissbach, e no dia 24-4-1956, iniciou os ensaios no Clube de Caça e Tiro Passo Manso. Os estudantes do Clube de Acordeon eram os seguintes: Geraldo Bauler, Heliodor Vellwock, Raul Henschel, Ilton Wagenknecht, Senhora Else Maas, Arno Stark, Eleonore Kluge, Mario Maul, Helio Isleb, Edwin Weigmann e Reinaldo Scharf. No dia 11-8-1956 foi realizada no Clube de Caça e Tiro Passo Manso, a primeira noite cultura-artística com grande número de visitantes. A segunda apresentação foi em Ribeirão Itoupava (Campo da Aviação), no dia 25-8-1956 e ainda no salão Mueller e no dia 24-8-1957. "Uma Noite de Natal" foi realizada no Clube de Caça e Tiro Passo Manso no dia 22-12-1956. O Clube de Acordeon funcionou até 1958. Apesar de no Clube de Caça e Tiro Passo Manso, funcionarem atualmente só festas de tiro, bocha, bolão e futebol de salão, a parte cultural já esteve bem desenvolvida, tendo inclusive um Grupo Teatral que de vez em quando montava espetáculos, entre

eles as peças "Só dez centímetros" e "O genro mudo". O primeiro prefeito que participou dos festejos do Clube de Caça e Tiro Passo Manso foi Evelásio Vieira. Alfredo Radloff, nasceu em Blumenau no dia 15-9-1910, filho de August Radloff e Paula Koehler Radloff. É casado com Sidônia Sprengel Radloff. Está inscrito na Ordem dos Músicos do Brasil, atualmente aposentado ainda leciona acordeon. No sétimo aniversário do programa "Salve a Banda" em 16-7-1978, Radloff foi premiado com uma medalha.

Walter Weise, que tocava na bandinha Radloff, também era filho de colonos e aos 12 anos começou a estudar bandônion com seu próprio pai. Aos dezenove anos conheceu Alfredo Radloff que já era famoso tocador de bandônion. Em 1933, com mais três músicos Alfredo e Walter formaram uma bandinha que abrilhantou bailes, festas e outros eventos. Em 1941, a bandinha se desfez por motivos os mais diversos.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 4 de março de 1865:

Dona Francisca. — Ouve-se freqüentemente a queixa, partindo das colônias do Governo: Blumenau, Brusque, Teresópolis etc. de que os colonos não recebem nenhum documento referente às terras que lhes foram designadas, não podendo assim provar seus direitos e nem tampouco estabelecer as suas obrigações. Isto é um grande inconveniente, que pode ter conseqüências desagradáveis, conforme prova a experiência da colônia São Leopoldo. Aqui, nesta Colônia, todos os que adquirem terras, recebem um documento de designação e, mais tarde, depois do lote medido, mapeado e demarcado de todos os lados, recebem a respectiva escritura de compra. Ambos os documentos são expedidos em duas vias, uma para a direção da Colônia, a outra para o comprador do lote e assim, todo o adquirente conhece, desde o princípio, os seus direitos e seus deveres. Tal disposição também poderia e deveria ser adotada nas colônias do Governo. Não há necessidade senão da autorização do Presidente da Província, para que o respectivo diretor da colônia possa aviar e ratificar os referidos documentos.

Notícias de 11 de março de 1865:

Dona Francisca. — No dia três de março o nosso engenheiro Wunderwald regressou de sua viagem de inspeção do prolongamento da Estrada da Serra. Este traçado já está fixado até a velha colônia alemã de Rio Negro, situada à margem do rio do mesmo nome e à beira da estrada principal, que ségue de Lages a Lapa e mais para o

Norte. Aquela colônia conta com quase 2.000 habitantes de origem alemã. Em toda a extensão pode ser construída uma boa estrada e a mesma terá um comprimento de 18 a 26 léguas a partir da casa de estacionamento, situada no sopé da Serra. A vertente entre o Rio Cubatão e o Rio Negro oferece boas condições para uma encruzilhada, para dali ser desviada uma estrada para Curitiba.

Dona Francisca. — O "Deutscher Turnverein" (Sociedade Alemã de Ginástica), fundada a 15 de novembro de 1858, atualmente conta com 42 sócios, sendo 14 ativos (ginastas) e 28 passivos, amigos da ginástica. Possui uma área para exercícios, com os aparelhos mais necessários, compreendendo: três barras, três paralelas, um trampolim, um cavalete para trapézio, uma trave horizontal, um cabo e um mastro para trepar. Estão sendo angariados donativos para a aquisição do estandarte da associação, donativos estes que já atingem a 60 Milréis. Os exercícios têm lugar duas vezes por semana à noite e infelizmente são interrompidos, muitas vezes, devido ao mau tempo. No semestre passado tiveram lugar 38 dos 54 treinos, que foram frequentados, em média, por 4/5 dos ginastas. Desde o dia 1.º de outubro de 1864, o treinador, sr. Otto Eugen Müller, está ministrando aulas de ginástica para meninos, atualmente frequentadas por 26 alunos, que praticam o exercício regularmente aos domingos à tarde e que já apresentam progressos animadores. Os pais deveriam aproveitar muito mais esta oportunidade, que se lhes oferece. A ginástica não só é saudável para o físico, mas também para a mente. Toda perfeição física acompanha o aperfeiçoamento intelectual. Como a energia gera a coragem, assim o vigor do físico acompanha a firmeza do caráter e quanto mais o homem domina o seu físico, melhor consegue superar as suas paixões.

Notícia de 25 de março de 1865:

Dona Francisca. — Domingo, dia 19 do corrente, a Companhia Brasileira, do sr. Leal Ferreira, deu um espetáculo no salão do sr. Ravache. Apesar do tempo desagradável, reuniu-se um público de mais ou menos 80 pessoas, um número bastante expressivo, se considerarmos que são poucos os habitantes locais que compreendem a língua do País. A representação agradou a todos e ofereceu mesmo aos que não conhecem o português uma noite recreativa. O espaço limitado desta folha não nos permite crítica mais detalhada, mas cumpre-nos dizer que todos os artistas desempenharam muito bem os seus papéis e que o sr. Leal Ferreira, tanto nos papéis trágicos como nos cômicos, revelou-nos o seu grande talento. Segundo nos disse o sr. Leal Ferreira, ele ainda pretende abrir assinatura para 3 espetáculos, que terão lugar nos dias 1, 5 e 9 de abril, destinando a metade do lucro líquido das 3 apresentações a um fim beneficente. Fazemos votos para que os moradores desta Colônia contribuam para o êxito deste ato desinteressado, comparecendo em grande número às apresentações e assim demonstrando além de seu sentimento caridoso, também o seu amor à arte.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal.

Para meu neto Peter Kuhles Ebert

Esta narrativa relaciona-se com a colonização alemã no Estado de Santa Catarina, Brasil. No ano de 1851, o Imperador do Brasil, D. Pedro II, incumbiu ou autorizou o Dr. Blumenau, natural de Braunschweig e com o qual mantinha relações de amizade, estabelecer cidadãos alemães, cerca de 56 km afastados da costa, junto às margens do Rio Itajaí.

Meus avós tanto paternos como maternos emigraram para o Brasil na 3.^a ou 4.^a leva destinada a se estabelecer naquele lugar. Meu pai tinha 11 anos e minha mãe 2. Por este motivo, nosso pai podia contar a nós, crianças, muito sobre os mais variados acontecimentos daquela época. Muito cooperou também a esposa de meu mestre que gostava de falar deste tempo. Esta senhora, alguns anos mais idosa do que meu pai, chegou com o primeiro navio que trouxe imigrantes. Voltarei a falar sobre esta viagem, após ter contado alguma coisa sobre minha maravilhosa infância. Meus pais tinham um lote de terras, com pasto, duas vacas, um cavalo, alguns porcos e dúzias de galinhas. Plantação tinhamas tanto quanto precisávamos e nossa empregada podia cuidar. Um grande pomar, com árvores frutíferas como laranjas, figos, ameixas e as cerejas conhecidas aqui na terra, muito gostosas que colhíamos e comíamos e o que parte caía ao chão e apodrecia. Como apreciávamos muito as frutas, não era de estranhar que na hora do almoço, não tivéssemos fome. A comida era preparada à maneira alemã, as batatas substituídas por mandioca ou taiá e em vez de pão de centeio ou trigo, era servido o pão de milho. Na farinha de milho (fubá) era ralada uma batata conhecida por Cará e que deixava o pão macio. Esta batata de Cará tinha tamanho variado e somente cozida em água e sal, não era gostosa. Mandioca é outra raiz de comprimento diverso: às vezes uma só alcançava o peso de 20 kg. Durante certa época do ano, ela não era própria para cozinhar, mas quando servida cozida e frita era muito apreciada.

Existe também uma qualidade que

contém muito ácido cianídrico, dela se fabricando no Brasil a tão conhecida farinha de mandioca. Lembrando isto hoje, no ano de 1946 e vivendo atualmente na Espanha, li há poucas semanas em um jornal local, que o governo autorizou os padeiros a mistura desta farinha com o trigo, por falta do último, fabricando assim um pão de racionamento.

A farinha de mandioca, se fabrica da seguinte maneira: as raízes são lavadas, descascadas e raladas, colocadas em grandes frigideiras sobre o fogo. Desta forma a farinha perde o veneno e pode ser usada. Agora vou descrever rapidamente ainda o Taiá, senão minha narrativa se tornará muito monótona. O Taiá tem o arbusto parecido com o de um nabo amarelo, mas maior. As hastes e folhas são mais fortes e em forma de lque. Na raiz encontram-se pequenos tubérculos do tamanho de uma batata. São cozidas, depois raladas e adicionando-se um pouco de leite e sal se obtém verdadeiro purê de batata, o gosto desta substituição de batata nunca foi do meu agrado a não ser como almôndegas, então sim, eram deliciosas e talvez melhor do que era feito com a batata comum.

Meu pai era construtor e muitas vezes, por meses ausente de casa, caía à minha mãe todo o trabalho de casa, além de cuidar de nós, seis crianças. Minha irmã Ella, dois anos mais velha que eu, tinha a obrigação de cuidar de nós. Mas, muitas vezes se concretizavam as palavras: Quando rapazes desobedientes te tentam não os siga, vá na frente. Recordo bem, que num dia, depois da chuva, o pátio que não era pavimentado se prestava muito bem para escorregar, foi então que Ella sugeriu que dançassemos. Dito e feito, mas por pouco tempo, pois logo estávamos caídos no chão e na lama. Sabíamos das conseqüências: uma boa surra nos esperava, pois a roupa que vestíamos havia sido colocada limpa. Ficamos todos escondidos atrás de uma velha porta encostada na parede da casa; ninguém queria ser o primeiro a aparecer diante da mãe, porque este

levaria na certa a surra maior. Ella era sempre a primeira em tudo: subia nas árvores como um menino e certa vez não se deu bem, pois ao descer ficou presa com um braço num galho e lhe faltaram forças para subir outra vez. Tive que ir em seu socorro. Subi na árvore até que consegui apoio nos meus ombros e libertei seu braço. Em seguida ambos caímos ao chão; minha irmã torceu o pé e eu sofri algumas escoriações. Pior nos aconteceu em outra ocasião em que resolvemos naquele dia invadir a horta do vizinho para experimentar as cenouras que certamente eram melhores que as nossas. Naturalmente recebemos o merecido castigo. Ella levou uma surra de mamãe. Eu havia desaparecido, e apesar das chamadas de minha pequena e gorducha mãe, que quando me viu, começou um verdadeiro pega-pega no terreiro. Somente auxiliada por nossa empregada é que conseguiu pôr as mãos em mim. Por isso levei a surra em dobro. Assim Ella nos educou até aos meus quase seis anos e meio, e quando fui enviado para a escola, estava sozinho. Minha irmã foi enviada por algum tempo para a casa de minha tia, que também tinha uma filha da mesma idade e que se achava em situação privilegiada.

Eu comecei uma nova amizade com um rapaz vizinho, cujo pai tinha uma cervejaria. Lá eu gostava de passar minhas horas de folga; minha mãe se opunha a que eu fosse muitas vezes visitar meu amigo. Certamente pelas inúmeras artes que aprontávamos outro motivo não encontrava, já que as duas famílias eram amigas, ou talvez fosse porque eu e meu amigo Adolf, este era seu nome, brigávamos muito com os rapazes da vizinhança? Quantas vezes cheguei em casa trazendo marcas visíveis pelo corpo. Certo dia levei uma pedrada na cabeça, cuja ferida sangrou muito e a cicatriz hoje ainda é visível. Quando minha mãe descobria que eu tinha ido novamente à casa de um amigo, me dava algumas palmadas e como de castigo era trancado no quarto escuro. Aos pou-

cos me acostumava a este tipo de punição e até tinha suprido meu cantinho com comida, pão seco e açúcar. Uma ocasião eu estava naquele quarto, quando minha mãe entrou. Ficamos, os dois, surpresos, eu porque não recebi nenhuma palmada e ela por me ver ali num domingo à tarde. Logo imaginou que eu tinha feito alguma arte. Neste intervalo nosso cachorro aproveitou para consumir meu estoque de pão e açúcar. Depois não fui mais tantas vezes fechado no quarto e recebia menos palmadas; meu amigo Adolf agora vinha de vez em quando na minha casa para brincar comigo.

Enquanto estive preso no quarto escuro para onde tinha ido certa ocasião, comecei a refletir e cheguei a conclusão que Anna, nossa empregada, mentira e que mamãe nem estava a minha procura. Por este motivo, ela merecia castigo e jurei vingança. Enquanto ela estava ocupada no pasto e minha mãe ensinava bordado para algumas meninas na sala, aproveitei a oportunidade. Subi ao quarto de Anna no sótão, retirei o colchão de palha e alterei a posição das tábuas que serviam de fundo. Arrumei de novo a cama e saí. À noite chegou e todos fomos dormir; eu fingia que estava dormindo. Repentinamente houve um terrível barulhão no sótão. Anna tinha desmoronado com a cama e demorou um pouco até que ela se desvencilhasse do colchão. Seguiu-se uma avalanche de palavras dirigidos a mim e, depois, silêncio. Na manhã seguinte, minha mãe perguntou o que havia acontecido, Anna lhe contou tudo dizendo que somente eu podia ter feito aquela arte. Anna não ficou muito tempo conosco e seu lugar foi ocupado por Berta, e como esta tinha o mesmo nome de mamãe nós a chamávamos simplesmente "Bertel". Era ótima pessoa e todos gostávamos dela. Sabia tratar as crianças, não fazia queixas seguidas à mamãe, o que muitas vezes nos envergonhava. Moça humilde, mas que realmente tinha talento para a educação.

Em Blumenau havia uma socieda-

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

de de teatro, da qual meus pais eram sócios. Todo mês acontecia um espetáculo, geralmente uma comédia. Quando a peça era conveniente, uma das crianças podia acompanhar os pais, o que era sempre um motivo de alegria. Mas a caminhada de volta para casa não era nada aprazível. Os quase 4 km a pé, para um moleque de seis a sete anos, que geralmente a esta hora já dormia, não era fácil. Acompanhar os passos largos dos pais, somente em trote apressado para ficar ao lado deles; os sapatos apertavam, a estrada não era calçada e muito desigual, muitas pedras e eu acostumado a andar descalço, era para mim um verdadeiro sacrifício. Por fim tirava os incômodos sapatos, quando então acontecia bater numa pedra e a unha do dedão do pé ficava solta; choramingas não adiantava pois os pais não me carregariam nos braços e diriam apenas: — Na próxima vez ficarás em casa! Era preciso ficar firme e acompanhar as passadas. Em casa lavava os pés, a unha quase solta era cortada, colocava um pouco de álcool em cima da ferida e pronto, estava feito o curativo. Não era muito agradável mas resolvia. Uma vez deitado na cama, me entregava aos mais deliciosos sonhos.

Numa apresentação extra no teatro e a qual também assistia, eu estava sentado entre os rapazes da cidade. Fui naturalmente alvo de comentários pouco elogiáveis e entre um beliscão e outro em breve se estabeleceu uma briga que exigiu a intervenção dos adultos. Até os artistas esqueceram a interpretação. Meu pai quis retirar-me do meio dos rapazes, mas foi impedido pelos presentes que afirmaram que eu não era o culpado. Mais tarde, uma festa na casa dos atiradores, os mesmos rapazes foram à desforra. Me pegaram e levei uma boa surra.

A irmã de minha mãe, casada com um brasileiro do Rio Grande do Sul, havia falecido e seu marido nos trouxe seus três filhos. Paul, um ano e meio mais velho que eu veio morar conosco. Liane, tinha minha idade e Olímpio, de um ano e meio, foram morar com a avó que vivia com um filho ainda solteiro. Das crianças nenhuma falava alemão e nós não falávamos português. Passado um ano eles já falavam bem o alemão e Paulo por fim sabia falar os dois idiomas. Este era, agora, meu companheiro de

folgado. Havíamos feito até um trato a respeito de meu irmão mais velho Leopoldo, chamado simplesmente de Poldi e que era desajeitado e não gostava de trabalhar, pois só apreciava a boa vida. Este irmão nunca chegou a conhecer os bons e maus lados de um casamento.

Paulo e eu, agora grandes amigos, resolvemos "fabricar" uma espingarda rudimentar, tendo como cano um bambu e o cabo de madeira. Um pouco de pólvora colocado no cano e aceso com um fósforo até funcionava satisfatoriamente e até alguns pássaros chegamos a matar. A maior despesa que nos trazia esta arma de fogo era os fósforos, porque a pólvora tirávamos das balas do tio. Quando a espingarda já estava bastante divulgada entre os colegas, aconteceu um fato que podia ter tido conseqüências mais graves. Um colega na escola confeccionou também uma arma mas cometeu um erro qualquer e o tiro saiu pela culatra, quase atingindo seu olho. O professor comunicou o acontecido aos pais e a espingarda foi proibida sob "pena de morte". A tia do rapaz foi a que mais se exaltou com o acontecido. Acho mesmo que todas as tias Marias são más. Nós também tivemos uma que era irmã de meu pai e a chamavam de "tia cegonha" porque era parteira e meus pais não tinham muita relação com ela. Afinal, não vinha mais à nossa casa e também não foi chamada quando minha irmazinha e meus irmãos gêmeos nasceram. Antes tia Maria nos visitava freqüentemente e estas visitas para nós significavam verdadeiro martírio, porque resolvia educar-nos. Ajudava nossa mãe num trabalho que ela verdadeiramente não desejava para nós, seus filhos, mas era preciso ceder. O pior acontecia sempre quando resolvia fazer o "tratamento"; este se resumia na aplicação de vermífugo para todos nós. Ninguém pode imaginar o gosto e cheiro horrível desse remédio. Bem cedo, às 5 horas, éramos acordados para o "tratamento"; enfileirados, tínhamos que nos apresentar. Primeiro Poldi, Ella, eu, Liane, Olímpio, Paulo e Arnold. Martha, ainda muito pequena, tomava outro remédio de melhor paladar. Liane e Olímpio dormiam aquela noite em nossa casa, para se apresentar na hora certa. A tortura então começava. Tia Maria apresentava-se igual um sargento diante de seus

recrutas. Com a garrafa de óleo de ricino na mão, seu rosto resplandecia de contente, quando a sacudia à nossa frente, enchia a colher de sopa, de preferência bem diante de nosso nariz e comandava: — Abram a boca! Todos chorávamos, mas não adiantava; enfiava a colher com o remédio na nossa boca e bradava, — Engulir! Isto nunca acontecia, pois nosso estômago se revoltava e novamente principiava a tortura. Somente na segunda ou terceira tentativa é que obtinha o resultado desejado. Podíamos tomar então um gole de café preto frio e a seguir enviados de volta para a cama. As 10 horas mais ou menos, quando o efeito se fazia sentir, podíamos nos levantar e nos dirigir ao banheiro. Depois de um rigoroso exame do resultado, tia Maria nos dispensava.

Todas as crianças eram portadoras de vermes, provavelmente devido ao consumo de frutas, sem distinção. Certa vez chegou a mãe de um menino correndo apavorada a chamar minha mãe, dizendo que seu filho estava morrendo. Mamãe foi ver o que estava acontecendo e encontrou o rapaz desfalecido. Algumas gotas de amargosa o fizeram voltar a si. Olhando bem para ele, minha mãe recomendou que lhe dessem também óleo de ricino, porque o menino estava infectado de vermes que já lhe haviam subido até o estômago e causado o desmaio.

Tio Paulo tinha 2 bons cavalos; ele dizia que eram de corrida. Naturalmente não um "Derby". Corriam em Blumenau e era divertido ouvir os comentários pouco elogiáveis dos presentes sobre o cavalo que perdia. As apostas para as condições daquela época eram, no entanto, bastante elevadas.

Às vezes o garanhão dava seus passeios pelos pastos vizinhos. Certo dia, tinha desaparecido outra vez, Paulo e eu fomos procurá-lo. Encontramos nosso amigo num pasto distante uns 5 km. Pastava tranqüilamente entre seus semelhantes. Com um longo chicote improvisamos uma corda para levá-lo.

Olimpio e eu sentamos em seu lombo e empreendemos o caminho de retorno. Paulo segurava-o pela crina. O animal deve ter interpretado mal seu gesto, pois começou a apressar os passos atirando-o longe na valeta e nós valentes jóqueis fomos entregues à própria sorte. Quem faria parar o cavalo,

eu agarrado na crina gritava para que alguém o segurasse, mas ninguém apareceu; assim ele continuou sua corrida até chegar perto de uma grande poça d'água. Querendo mostrar sua destreza em saltar obstáculos, se livrou de sua carga; caímos bem no meio da grande poça, mas felizmente ninguém se feriu. Quando levantei a cabeça lá estava o cavalo, fitando-me tristemente como se quisesse dizer: "a culpa não foi minha". Esperamos a chegada de Paulo que vinha correndo, cansado e suado e então seguimos o caminho a pé até em casa. Mamãe, quando nos viu, perguntou admirada o que tinha acontecido, pois percebeu meu estranho andar. Dei uma resposta evasiva, pois tinha receio de contar a verdade e ser excluído assim dos festejos que estavam em preparação. Foi pela ocasião da proclamação da República, no ano de 1889, e eu não queria perder a festa.

Meu pai vendeu seu lote de terra a meu tio e mudou-se com a família para uma nova região: — Massaranduba. Abriu um armazém e construiu um moinho para o preparo da farinha de milho. Nós, rapazes, Paulo, Poldi, Arnold e eu, ficamos ainda com vovó, enquanto o tio estava ocupado com as medições de terras em Massaranduba. Recebemos a oficina de papai, agora vazia, para dormir, o que para nós foi maravilhoso: sozinhos, independentes. Vovó não deixava de brigar também quando fazíamos arte, mas nós não a levávamos muito a sério. No verão nossa principal ocupação era tomar banho nos rios e riachos. Foi assim que aprendi a nadar. Nos meses de inverno caçávamos com o estilingue, tendo como munição, pedrinhas do tamanho de uma bola de gude. Alcançávamos relativa destreza na pontaria. Com um bom estilingue se podia acertar um pássaro de tamanho médio numa distância de 20 a 30 metros. Nossos alvos eram os pardais nas laranjeiras.

Na oficina onde dormíamos, meu irmão Poldi, que já se considerava adulto, ao recolher-se à noite, tinha por hábito fumar seu cachimbo. Também experimentamos o mesmo na sua ausência, mas não nos fez nada bem. Poldi reabastecia o cachimbo sempre para o dia seguinte após usá-lo à noite. Depois de nossa própria experiência, resolvemos encher o cachimbo vazio, só que colocamos um pouco de pólvora

em camadas alternadas como fumo e o deixamos no mesmo lugar de sempre. À noite nos recolhemos e esperamos que Poldi acendesse o cachimbo o que não demorou. Pegou a lamparina e a aproximou do cachimbo. Na segunda tragada, numa explosão, a lamparina apagou, o cachimbo voou e Poldi voou em cima de nós no escuro, dado livre expansão à sua revolta, na forma de uma tremenda surra. Suportamos heroicamente o castigo, mas loucos para dar gostosas gargalhadas. Até achar o cachimbo no outro lado do quarto, a raiva de Poldi tinha desaparecido e se juntou a nós dando estrondosas gargalhadas.

Certa ocasião, passei um mau bocado. Poldi, Paulo e eu fomos enviados para buscar alguma coisa na vizinhança; chovia muito e eu sem perceber levei o guarda-chuva de meu tio. Na volta vimos numa laranjeira algumas frutas. Era uma visão tentadora e a chuva tinha deixado a árvore fácil para subir. Tentamos nossa sorte que durou pouco, quando ouvimos uma voz gritando: — Malditos moleques. Estas palavras bastaram para que nos pusessemos em fuga — mas o susto maior ainda veio — eu tinha esquecido o guarda-chuva. Chegando em casa fui obrigado a confessar-me com vovó na esperança que ela mandaria alguém buscar o mesmo. Infelizmente assim não aconteceu e eu fui condenado a buscar o mesmo de volta no dia seguinte. Com medo de ir sozinho implorei a Paulo para que me acompanhasse.

Com o coração nas mãos parti, chegando à casa do colono. Frieda, sua filha, nos recebeu. Tentamos convencê-la a nos entregar o guarda-chuva, mas o velho tinha guardado. Ouvimos então do interior da casa, uma voz estrondosa perguntar em dialeto, quem estava à porta. O colono nos mandou entrar. Devo ter feito uma cara bastante convincente de arrependido. Perguntou se eu tinha sido o ladrão das laranjas. Ao ouvir estas palavras fiquei aliviado e respondi corajosamente que sim, e em consequência havia esquecido o guarda-chuva. Perguntou ainda qual o castigo que havia recebido em casa. Quando disse que foi uma surra se deu por satisfeito. Mandou então que fôssemos apanhar as laranjas, metade para ele e metade para nós. Pediu apenas que não atirássemos

mais pedras porque lá estavam guardados tijolos e não queria ver os mesmos quebrados. Ninguém pode imaginar a alegria que senti. O velho colono se tornara meu amigo, tinha os bolsos cheios de laranjas e ainda o guarda-chuva de volta. Contentes voltamos par casa.

Meus pais estavam instalados na nova propriedade e Arnold e eu fomos transferidos para lá. Paulo continuava a morar com vovó e Liane também. Viriam mais tarde para nossa casa. Numa carroça puxada por quatro cavalos, iniciamos a viagem. Depois de 10 km paramos para pernoitar e no dia seguinte bem cedo continuamos nosso caminho. Por uma péssima estrada seguimos os restantes 34 km chegando à noite ao destino. Para nós, rapazes, a nova propriedade era um verdadeiro paraíso. Cerca de 30m da casa passava o rio, não muito grande — 10 a 12 metros de largura — com boa correnteza. E lugares onde a água se apresentava calma e parada havia lugares bem profundos, onde mesmo um adulto não encontrava pé; mas a água era límpida e fresca: Mais ou menos 100m distante da casa começava a floresta e três km a dentro junto a uma linda cascata meu pai construiu o moinho. Recordo bem que quando o avistamos pela primeira vez começamos a cantar "Esklappert die Mühle am rauschenden Bach" (batem as pás do moinho no murmúrio das águas da cascata). Em volta do moinho em forma de meia-lua foi aberta uma clareira e plantada grama, assim havia de um lado o rio e o resto era margeado pela floresta. Quatro mulas, um cavalo, oito porcos e algumas cabeças de gado viviam livres no pasto. Meu pai tentou também criar galinhas, mas foi impossível porque a região estava infestada de gambás, que até em plena luz do dia roubavam as galinhas. Estes gambás têm mais ou menos o tamanho de um gato, o corpo um pouco mais alto e uma cauda sem pêlos. Sua aparência não é feia mas naquele tempo seu couro não era aproveitado devido o mau cheiro que o animal desprende e que é tão intenso que quando se abate um é preciso enterrá-lo logo ou então transportá-lo para bem longe, onde os urubus se incumbem de devorá-lo. É voraz e não despreza frutas, trigo, açúcar e arroz. Carregava seus filhotes numa bolsa embaixo do ventre enquan-

to pequenos; quando crescidos, nas costas e para isto levanta a cauda, curva-a bem até as costas onde os filhotes enroscam seus rabos em volta para maior segurança. O gambá sobe nas árvores com muita facilidade, mas no chão é pouco veloz e fácil de ser perseguido e abatido. Gosta muito de aguardente. Fizemos a experiência, colocando perto do moinho uma vasilha com cachaca. Na manhã seguinte, encontramos o gambá dormindo tranquilamente dez metros mais adiante. Tivemos que agir drasticamente com tais animais, pois à noite, quando não havia ninguém no moinho, invadiam o mesmo, comiam e sujavam o trigo. Durante o dia o gambá encheria mal e procura seu esconderijo entre arbustos espinhentos, ou bambuzeiro. Não habita numa toca como a maioria dos animais. Quando as galinhas ainda estavam no moinho, colocávamos uma armadilha nas imediações do galinheiro e quase todo dia de manhã encontrávamos um preso e morto. Existem pessoas que comem a carne, apesar do cheiro. Extraem logo depois de morto a glândula que produz o liquido fétido, tiram o couro e preparam a carne. Como o fazem não sei, mas dizem que é saborosa. Eu pessoalmente nunca experimentei.

Arnold, dois anos mais moço que eu, era agora meu companheiro. Nossos vizinhos, recém-vindos da Alemanha (Ostpreussen) Prússia Oriental, se estabeleceram num terreno do outro lado do rio. Tinham três filhos: August, da minha idade, Zager, mais moço, depois Wilhelm, o mais velho, e que já tinha feito a primeira comunhão. Dos três companheiros escolhi Arnold e August, os outros eram desajeitados demais.

Meu tio Augusto, marido de minha "tia cegonha", vivia separado da esposa e era nosso professor particular.

Quando um ano mais tarde faleceu no hospital em Blumenau, fez muita falta a nós rapazes. Era bom professor e ótimo amigo; muitas vezes fingia não ver as nossas tranquinices. De manhã tínhamos aula com ele, ao meio-dia levávamos almoço ao molei-

ro no moinho, depois vinham os deveres de casa e então estávamos livres para brincar. Passávamos então a inventar inúmeros folguedos, como construir arapucas para as rolinhas ou galinhas silvestres. O pior era que nunca tínhamos sorte e nada pegávamos. Para não ficar inativos resolvemos começar nossa própria plantação de milho; cercamos o terreno e observávamos o desenvolvimento das plantas. Já tínhamos calculado o quanto coleríamos e quanto dinheiro nos traria, mas infelizmente nada colhemos, pois nosso gado não respeitou o cercado e fez a colheita por nós. Em todas estas aventuras tomava parte ativa nosso cachorro Valente. Era maior que um cão de caça, pêlo curto e descendia de uma série de raças. Era ótimo vigilante, um pouco severo na vigiância, e para ele não havia hora de recolher. Assim, quando cedo, às 4 horas vinham colonos trazer milho para moer ou à noite buscar o que tinham deixado no moinho, eram recebidos por Valente que os assustava com altos e bravos latidos. Não podia ficar solto e passava à noite deitado diante da porta do quarto de meus pais. Na redondeza era o "sultão" e tinha seu "harém" apesar da orelha partida por um rival durante a disputa por uma beleza local e da qual saiu vencedor. Valente nos acompanhava sempre ao moinho, penetrava na mata à nossa frente e era companheiro e protetor. Só para atreiar numa carroça não servia. Certa vez fabricamos algo parecido com arreios; atrelamos Valente e sentamos minha irmãzinha menor dentro do carro e a viagem começou até que Valente avistou um amigo, esquecendo que estava preso e que levava uma princesa. O carro voou estrada abaixo, minha irmã caiu para o lado, num tremendo berreiro. Recolhemos primeiro a princesa e depois procuramos Valente que já vinha arrastando atrás de si os restos da carruagem. Tinha sido apenas um cumprimento amistoso com um colega seu, nada mais.

Nosso moleiro, moço forte e robusto, porém preguiçoso, foi embora.

MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

Em seu lugar veio um velho baixinho, corcunda, com longa barba branca. Seu nome era Hahn; em pouco tempo éramos grandes amigos, e ele sempre tinha novidades para contar da Alemanha, sua terra natal e do tempo da colonização. Era muito querido por meus pais. Em poucas palavras ele fazia parte da família.

Para ir ao moinho, seguia-se por dois caminhos: o nosso particular e o público. O nosso era bem mais curto, mas em época de chuva quase intransitável. Podíamos considerar o senhor Hahn, como sendo um homem muito correto no trabalho. Muitas vezes era surpreendido pela noite no moinho. Então mamãe fazia com que levássemos uma lanterna ao encontro do velho. Como não sabíamos qual o caminho em que ele viria, chamávamos de tempo em tempo pelo seu nome para saber se havíamos tomado o caminho certo. Numa noite, em que ele se atrasou e fomos enviados ao seu encontro, o senhor Hahn chegou antes de nós em casa. Logo perguntou se já havíamos regressado, ficu apreensivo. Disse que ouvira várias vezes chamar o seu nome e sempre de um lugar diferente. Mais tarde descobrimos a causa destes chamados misteriosos: era uma coruja e seu piar assemelhava-se ao nome "Hahn". Não acreditem que a floresta à noite é silenciosa; ao contrário, um número incontável de pássaros notívagos piavam e se faziam ouvir, assim como muitos insetos e animais selvagens como o porco espinho, a cigarra que canta a escala musical completa e que chamávamos de "Eisenhahnkafer" (cigarra locomotiva).

No verão encontramos uma ocupação maravilhosa: pescar e tomar banho no rio. Eu sabia nadar, mas Arnold não. Assim aconteceu que, um dia, ao transpor um tronco que estava colocado de margem a margem escorregou e caiu na água. Eu já estava um pouco mais à frente quando ouvi seu grito. Voltei correndo e me atirei na água nadando em sua direção para salvá-lo. Mas salvar uma pessoa que está se afogando não é tão fácil; senti que Arnold se agarrava em mim e meus conhecimentos de natação pouco resolveram. Felizmente não era muito fundo e após algum esforço consegui tirar meu irmão da água. Quando chegamos em casa, fomos advertidos severamen-

te por meu pai que ainda me deu uma explicação mais detalhada sobre o que se deve fazer quando se pretende salvar alguém que está se afogando. Estas explicações muito me valeram mais tarde, porque salvei mais dois colegas e minha própria esposa do afogamento.

Não tínhamos canoa ou coisa parecida. Foi aí que tivemos a genial idéia de construir uma jangada. Escolhemos uma árvore cuja madeira era própria para a construção, leve e boiava fácil; cortamos troncos de 3m e em número de quatro, depois os fixamos com sarrafos, usamos pregos, o que não era o certo como vimos mais tarde.

A jangada ficou ótima. Como o rio na qual a usávamos não era fundo, a locomoção era fácil. A viagem inaugural correu muito bem e no domingo seguinte foi entregue ao "público". Eu era o comandante e Arnold o piloto. Tripulação não precisávamos. Os passageiros eram Liane e os dois filhos de nosso vizinho. No principio corria tudo bem, mas repentinamente a jangada se desfez, e então vimos que o uso de pregos não era o certo. Como voluntário, atirei-me na água, procurando juntar os que tinham caído. Por último recolhemos os troncos até a margem para que a correnteza não os levasse. A nova construção foi mais sólida. Usamos cipó para amarrar os troncos e em poucos dias nossa jangada estava pronta para o uso. Os laços de cipó eram firmes. O cipó é uma raiz, espécie de parasita, que se enrola nas árvores e alcança muitas vezes o comprimento de 40m e 8 a 10mm de grossura. Ela se prende firme na árvore e um só homem muitas vezes não consegue arrancá-la.

Mais ou menos 50m rio abaixo a família Neck improvisou uma ponte para atravessar o rio, na forma de um tronco de árvore. A ponte não tinha parapeito devido as enchentes, pois não resistiria à correnteza. Neste exato lugar o rio era bem estreito. O senhor Neck, que trabalhava com meu pai, era um excelente homem e trabalhador. Seu único defeito: gostava de vez em quando exagerar na bebida, principalmente a cachaça. Sua esposa era uma mulher pequena e frágil, e aos sábados, quando era feito pagamento, os filhos e a esposa vinham buscá-lo no local do trabalho. Vigia-

Vam o chefe da casa para que não bebesse demais. Um copo custava alguns centavos e lhe era concedido. Mais do que isso não podia gastar na bebida. Fernando, era este seu nome, pedia um copo de cachaça e antes que percebesse, sua mulher pegava-o tomava um pouco e fazia a ronda entre os presentes. O que sobrava era para o pai. Mas se Fernando pegasse o copo antes, os outros ficavam sem nada. Muitas vezes toda a família exagerava um pouco, mas, naturalmente, Fernando bem mais. Dificilmente se zangava ou brigava; era pacífico. Esteve na guerra de 1870/71 e quando exagerava na cachaça até falava francês, que ninguém entendia e creio que nem ele mesmo entendia o que falava. Sua canção predileta era "es braust ein Ruf wie Donnerhall" (ecoa um grito como trovão) na qual dava mais ênfase às palavras "Lieb Vaterland magst ruhig sein, fest stehst und tren die Wicht am Rhein" (Pátria querida, esteja tranquila; firme e fiel guardamos o Reno).

Arnold e eu sempre esperávamos vê-lo um dia cair da ponte improvisada, mas esta queda não acontecia. Tivemos que elaborar um plano. Sempre que o senhor Neck tinha bebido demais, por ordem de sua esposa era obrigado a atravessar o tronco engatinhando. Estava aí a nossa grande oportunidade, Arnold e eu nos escondemos entre o canavial que margeava o rio. Quando vimos chegar a família, Fernando foi obrigado a atravessar o tronco a quatro. Esperamos que chegasse bem no meio do mesmo, então começamos a cantar em voz bem alta sua canção predileta. Imediatamente depois dos primeiros tons, veio o sucesso. O senhor Neck quis levantar-se para acompanhar a canção, mas ao tentar se erguer, perdeu o equilíbrio. Tentou segurar-se na saia da esposa que, não suportando o peso do marido, caiu na água, arrastando o marido. A correnteza e a pouca profundidade logo os levou à margem. Quando apareceu na superfície a mulher começou a praguejar, mas o marido, feliz por ter encontrado parceiros cantava conosco. Resolvemos, por precaução, desaparecer, pois iriam subir o barranco na margem em que estávamos escondidos. Desde então quando Fernando chegava naquele estado, deu-se preferência a um local onde podiam atravessar o rio a pé. Mesmo assim, lá

também havia um lugar crítico: a margem era muito íngreme e era um espetáculo divertido assistir a tentativa de subir a margem. Fernando ia na frente e os outros ajudavam a empurrar. Às vezes dava certo, mas também havia ocasião em que todos escorregavam e vinham rolando barranco abaixo, caindo no rio. Pela bela canção que entoamos a senhora Neck se queixou a nosso pai. Este pediu esclarecimentos e confirmamos a nossa arte. Recebemos uma advertência, mas até meus pais não puderam esconder um sorriso.

x x x

Arnold e August Neck estavam praticando intensamente a natação e já o sabiam relativamente bem. Nosso local de banho tinha ficado mais fundo desde a última enchente. Para quem não soubesse nadar bem o lugar se tornava perigoso. Por isso mudamos de local encontrando um mais apropriado rio abaixo. Certo dia estava em nossa companhia um rapaz cujos pais haviam chegado recentemente da Alemanha. Vieram da região do Reno e achávamos sua maneira de falar bonita mas engraçada. Assim, fazíamos pouco caso do garoto, que sua mãe, uma senhora agradável e boa, mandava brincar conosco, pensando que o filho estivesse em boa companhia. Creio que não correspondíamos à expectativa, porque éramos levados e propícios para qualquer brincadeira. Reinhard, este o nome do garoto, certo dia foi tomar banho no rio conosco. Mas não sabia nadar. Nós, ao contrário, nadávamos e mergulhávamos muito bem. Sugeri então que Reinhard se sentasse nas minhas costas e eu o levaria à outra margem. Mas ele era pesado demais. Resolvemos experimentar de outra forma: meu irmão e eu nadávamos bem juntos e ele segurava-se nas nossas costas. Suas unhas machucavam um pouco, mas atravessamos o rio. A volta não foi muito feliz. O garoto escorregou de nossas costas. Não sabendo nadar, agarrou-se ao meu pescoço e eu me vi também em perigo. Procurei livrar-me de seus braços o que não consegui. Finalmente cheguei a firmar pé, mas mesmo assim Arnold teve que vir em meu auxílio.

Como já escrevi anteriormente, nosso professor particular era tio Au-

gusto e o mesmo havia falecido em Blumenau. Sentimos muito sua morte porque gostávamos dele. Agora já fazia bastante tempo que estávamos sem aula, mas as férias forçadas acabaram. Passamos a ir à escola diariamente cerca de meia hora distante de casa, onde, numa pequena choupana de bambu, um professor dava aulas. Este, certamente um acadêmico frustrado e destituído de suas funções na Alemanha, por causa da bebida, escolheu o Brasil, precisamente Blumenau e agora Massaranduba, para continuar suas pebedeiras. Faltava frequentemente três dias consecutivos ou então embriagava-se durante as aulas e nos mandava para casa. Naturalmente apreciávamos estas folgas. Quando sóbrio, muitas vezes nos sentimos tentados a presentear-lo com uma garrafa de cachaça, o que significava para nós mais folga e brincadeiras. Apesar de tudo, aquela escola também nos trouxe alegria, porque fizemos novas amizades e os rapazes nos visitavam para tomarmos banho no rio. Tirávamos a roupa e saltávamos na água. Um dos "heróis" quis fazer o mesmo, sem saber nadar. Ainda vi quando desapareceu na água abanando os braços desesperadamente. Nadei em seu auxílio a tempo de agarrá-lo. Desta vez empreguei os ensinamentos de meu pai e cheguei à margem são e salvo trazendo o colega.

Aquele menino sofria da doença conhecida aqui por "mal da terra" (Uebel des Landes) ou também no alemão colono chamado de "Maletar" ou melhor ainda "Militar". Comentavam assim as senhoras da redondeza. Esta doença se manifesta em novas regiões colonizadas e é uma acentuada anemia. O doente apresenta uma cor amarelada e doentia e o corpo inchado. As crianças, que na maioria são vítimas deste mal, não se desenvolvem normalmente. A doença pode perdurar por muitos anos, porém desaparece com boa alimentação aos 15 ou 17 anos. Muitos porém, sofrem as consequências pelo resto da vida e que é fraqueza e falta de energia. Um tratamento forçado, como o fizeram com meu irmão Arnold, é perigoso; fizeram-no tomar o líquido branco de uma figueira silvestre e isto quase lhe custou a vida. Tio Paulo lhe deu o "remédio" afirmando que tinha curado seu mal da mesma maneira. O pobre Arnold passou horas terríveis. Elimina-

nava quantidade enorme de vermes e por uma longa semana não se alimentou, gemendo dia e noite. Não vendo melhoras, meu pai me levou à procura de auxílio médico. Viajei 66km ida e volta, numa péssima estrada e ainda levando um cavalo destinado ao médico. Eu pessoalmente montava nossa mula. Em 24 horas fiz a viagem, lembrando sempre de meu irmão que ficava em casa muito doente. Rezava baixinho pedindo a Deus que o ajudasse. Quando Arnold ficou mais forte e apto a ser transportado, nós o levamos até a casa de meu tio, que ficava mais perto do médico. Quando meu irmão se restabeleceu continuou em casa de meu tio onde também frequentava a escola. Eu não fiquei muito satisfeito com esta mudança pois sentia sua falta nas brincadeiras diárias.

Foi nesta época, num domingo, que convidei alguns colegas de escola a passar o dia em minha casa, para uma pescaria. Esta foi rendosa e voltamos para casa às 5 horas da tarde cansados e famintos. Nossa empregada Augusta preparou fatias de pão para nós. O café não estava pronto e eu também não queria fazer fogo. Porém, como bom anfitrião, eu tinha que servir alguma coisa aos amigos. Foi então que eu me lembrei, que meu pai à tarde, na moenda, costumava tomar uma cachaça. Seria interessante fazer o mesmo. Fui buscar a garrafa e começamos a beber. Quando a garrafa ficou vazia fui enchê-la no barril. Assim, em pouco tempo, estávamos bem animados, até que Guste apareceu e com voz enérgica acabou com a festa. Tentei tranquilizá-la prometendo-lhe que iríamos, à noitinha, buscar-lhe alguns baldes de água. Como era este o seu serviço, ficava sempre grata quando alguém prontificava-se em ajudá-la nesta tarefa. Até este ponto tenho recordação do acontecido, mas a partir daí tudo se apagou em minha mente. No dia seguinte, soube que um dos colegas caiu na água, num lugar de apenas 1/2m de profundidade e com ajuda de Liane conseguiu sair. Eu também estava molhado, pois tentara carregar o balde cheio de água nos ombros. Nós, moleques, estávamos realmente embriagados. Tinha uma vaga lembrança do regresso de minha mãe e que a mesma tirava a roupa molhada do meu corpo. Quando conseguiu livrar-me da roupa, o cinto "dan-

çou" nas minhas costas. No dia seguinte, vi as consequências no espelho e reconheci a mão firme de minha mãe. Liane e Guste levaram os outros rapazes para casa, o que aconteceu com eles nunca soube. A senhora Neck veio ao nosso armazém e, escondido atrás da porta, ouvi a conversa das duas mulheres. Minha mãe contou como agira comigo. A outra respondeu que esperou até de manhã quando Arnold estivesse recuperado, para então aplicar a merecida surra, pois sob os efeitos do álcool não sentiria nada. Foi então que resolvi sumir por algumas horas, receando que minha mãe na incerteza do resultado, resolvesse seguir o exemplo da senhora Neck. Felizmente meu pai não estava em casa na ocasião, pois provavelmente teria procedido como a senhora Neck.

Somente uma única vez eu vi meu pai embriagado. Para nós, crianças, até podia acontecer mais vezes, porque, naquele estado, tornava-se dócil e carinhoso, enquanto que sóbrio era rigoroso e enérgico. Nesta ocasião veio nosso concorrente, ao armazém, já bastante alegre. Foi então que meu pai resolveu acentuar aquela alegria, oferecendo-lhe licores de fabricação caseira e de diversas qualidades: cominho, ervas e frutas. Equanto experimentavam os licores, o que já tinha bebido demais ficou sóbrio e meu pai embriagado.

Noutra ocasião entrou em nosso armazém um casal brasileiro com a filha de 15 ou 16 anos. O caso era raro, pois éramos uma comunidade formada por alemães, poloneses e italianos. Todos continuavam a ser tratados de acordo com sua nacionalidade, mesmo que muitos já fossem cidadãos brasileiros. Aquela gente que entrou em nosso armazém trouxe um pequeno macaco que o trocaram por uma boneca de pano e cabeça de porcelana, que a menina tinha escolhido. Ficamos admirados de ver uma menina tão crescida ainda brincar com bonecas. Mico, como batizamos o macaco, foi acorrentado, mas gritando e gesticulando, protestou contra a forma de prisão. construímos então um viveiro onde novamente se tranqüilizou e em poucos dias estava acostumado à vida da casa e andava solto pelo quintal. Valente, o cachorro não ficou muito entusiasmado pela vinda do macaco e o tratava com desprezo, mostrando abertamente

o ciúme que sentia. Não reagia contra Mico quando este o usava como mantaria ou deliciava-se em catar-lhe as pulgas. Permitia sua presença sem lhe dar mais atenção. Nós, crianças, logo nos tornamos amigos de Mico, que, ainda pequeno, não tinha alcançado a idade de adulto. Dava preferência às bananas mas também gostava de outra comida. Protestava quando lhe oferecíamos pão seco. Era necessário passar mel ou melado. Quando fazia alguma arte o prendíamos na corrente e era castigado com fome. Bem o sabia e logo se refugiava no telhado da casa de onde ninguém o tirava. Ao anoitecer ele aparecia, porque a escuridão o amedrontava.

Tio Paulo assumira a construção da estrada para Jomville e muitas vezes hospedava-se em nossa casa. Querendo mostrar-se agradecido, presenteou-me com uma espingarda, e lições de tiro ao alvo. Recebi de meu pai, também instruções de como carregá-la e manejá-la, fazendo porém mil recomendações. Arnold, meu irmão, agora já restabelecido, assistia as explicações e tomava parte nas lições práticas, apesar de ter apenas 10 anos e eu 11 e meio. Estávamos em maio, início de inverno, e então recebemos licença para uma caçada. Às vezes a deusa da caça, nos favorecia, mas também muito tiro errava o alvo. Estávamos ansiosos por uma boa caçada: pássaros havia em profusão naquela época. Grandes, pequenos, de porte médio, três qualidades de tucanos e muitos outros. Gastamos muita pólvora e chumbo. Abatemos muitos pombos selvagens e papagaios. Estes não eram apreciados, cuja carne era muito dura. Galinhas silvestres, macuco, jacu, inhambu, uru etc, eram excelentes. Com o tempo chegamos a conhecer as particularidades das diversas espécies e a caça tornou-se mais fácil para nós. Precisávamos recolher as aves abatidas o quanto antes, pois o cair da noite, nos trópicos é rápida. Outra caça que também encontramos em abundância foi a Anta ou Tapir, duas espécies de porcos selvagens, a Paca, a Coia, etc.

Numa ocasião, o segundo vizinho da nossa casa contou a meu pai que uma onça deveria estar pelas redondezas, porque seu cavalo libertou-se durante à noite, fugindo e os cachorros haviam latido muito. Meu pai duvidou

e disse que ele devia ter visto fantasmas; não acreditou que uma onça pudesse se esconder na região. Refleti sobre o que ouvira e não concordei. O fundo do terreno era cerca de 50 km de floresta virgem, com uma largura de 25 km. Do nosso moinho até a casa do vizinho era uma distância de 4 km pelo mato. No meio, um morro onde freqüentemente caçávamos. Meu irmão e eu resolvemos verificar e seguimos pelo caminho mais curto através do mato. Num certo lugar encontrei pêlos que não eram de Tapir ou cachorro. Valente, que nos acompanhava, não saía de perto; chamei a atenção deste fato a meu irmão que concordou. Resolvemos voltar para casa. Chegamos à conclusão que de fato uma onça devia estar na redondeza. Não demorou e o senhor Hahn confirmou certa noite nossa suspeita, ao comunicar que um porco havia desaparecido. Na manhã seguinte, segui com ele até o moinho. Estávamos sozinhos, sem cachorro; meu irmão também ficara em casa. Ao chegar, constatamos a ausência do porco. Seguimos a trilha feita por nossas mulas e cavalos, quando não muito distante o senhor Hahn encontrou a primeira pista; eram sinais da pata do animal; pouco mais adiante, encontramos manchas de sangue. O porco tinha sido presa fácil pois pesava entre 60 a 70 kg. O senhor Hahn mandou que eu voltasse para comunicar o que tínhamos encontrado e que realmente uma onça estava nas proximidades. Imediatamente meu pai mandou avisar os vizinhos, Srs. Lawin, Wulf e Reifert para participar da caçada. Os três vizinhos vieram prontamente, trazendo armas e seus cães de caça. Acompanhei o Senhor Wulf e Lawin. Meu pai seguiu com o senhor Reifert em outra direção. Não havíamos penetrado nem 200 metros na floresta quando encontramos a árvore sobre a qual a onça tinha ficado de tocaia, esperando sua presa. No tronco ainda se viam vestígios das garras do animal e também de sangue. Estávamos no caminho certo. Junto seguimos pela trilha, levando os cães. Mesmo Valente, que não se afastava do meu lado rez jus ao nome, latindo muito. Avançamos uns 20m, quando encontramos um canal que a água da chuva cavara até um monte de terra, no qual se formara uma verdadeira caverna. Este tinha sido o caminho do tigre. O sr.

Lawin, com um comprido bambu, explorou o interior da caverna, enquanto o sr. Wulf e eu, com armas prontas para disparar, nos colocamos de ambos os lados do canal. Nada aconteceu. O tigre não apareceu, nem deu sinal de vida. Porém, os dois homens sentiram que no interior havia algo estranho e vivo. Sendo o menor do grupo, fui escolhido para penetrar na caverna. Bem podem imaginar como me sentia, amarrado a um cipó, provido de fósforos. Desci até a entrada da caverna, e também levava um cipó no qual deveria prender o porco que acreditavam estar lá. Quando já havia penetrado mais ou menos três metros, acendi um fósforo e vi o porco mas para chegar até ele me faltou coragem, voltei com a desculpa de que a passagem até o animal era muito estreita. Começaram logo a cavar do outro lado e depois de algumas horas de trabalho tinham chegado até o porco. Alguns disparos tinham alertado meu pai e o senhor Reifert de nossa posição. Quando chegaram até o porco viram seu estado deplorável, focinho estreachado, orelha arrancada e a nuca mostrava profundas feridas. Foi abatido no mesmo local e transportado para casa onde seria aproveitado no fabrico de sabão. Quando contei a meu pai, que, por ordem dos dois homens havia penetrado na caverna, ele zangou-se dizendo que merecia ainda uma bofetada mesmo tardia. Se a onça estivesse lá dentro eu estaria agora estreachado e os comentários sobre minha aparente covardia nada significaria, pois o sr. Lawin podia ter entrado também na caverna, porque não era muito maior que eu.

Todos se reuniram novamente para discutir o que deveriam fazer agora. Chegaram à conclusão de que seria melhor ficar de tocaia, aguardando o aparecimento da onça. Grandes pedaços de carne foram espetados estrategicamente em diversas árvores e serviriam de isca. Meu pai, os srs. Wulf, Reifert e Lawin, esconderam-se com boa visão das iscas. À certa altura da noite, veio a decepção: em lugar da onça apareceu um veado que farejou na árvore ocupada pelo senhor Wulf e olhou em volta sem demonstrar medo. Como no entanto este senhor não podia ver caça sem atirar, disparou a sua arma matando o animal. Tinham perdido a oportunidade, porque a ou-

cã com o tiro, devia ter fugido e poucas eram as chances de aparecer durante à noite. Mesmo assim, prepararam armadilhas com as própria armas, as espingardas amarradas nas árvores, e um barbante no gatilho. Se a onça tocasse o mesmo a arma dispararia. Na manhã seguinte, os pedaços de carne tinham desaparecido, o barbante fora roído, mas nenhum tiro disparou. Nova reunião, novos planos estratégicos. Agora construiriam uma armadilha em forma de alçapão. Troncos de duas árvores de 80 cm de grossura e 6 a 8m de comprimento amarrados e suspensos do solo. No centro, 2m de ambos os lados, fechados por estacas. Assim continuaria uma abertura dos dois lados. No centro colocaram um pedaço de carne. Quando fosse tocada a isca, a armadilha cairia. Os troncos foram reforçados com pedras para aumentar o peso que desabaria sobre o felino. Toda a armadilha deveria pesar cerca de 400 kg. Na manhã seguinte, realmente encontramos a onça na armadilha, morta pelo peso que caíra sobre ela. Então a arrastamos até o moinho, lá colocamos o bicho na carreta e o transportamos para casa. Nossa mula Pina não deixou que a strelássemos à carreta. Assim, tivemos que usar nosso velho mulato que, pacientemente, transportou o animal morto. À chegada foi colocado no terreiro e todos vieram admirar sua beleza e tamanho. Alguém teve então a genial idéia de colocar Mico em suas costas. Primeiro nada aconteceu. Apalpava o bonito pêlo, examinava as orelhas, mas quando viu a cara da onça, deu um grito de terror e saltou direto na cabeça de minha irmã, agarrando-se em seus cabelos. Esta não conseguiu tão facilmente libertar-se de Mico. Somente se viu livre do mesmo ao encostar-se numa escada. De lá até o telhado foram dois pulos. Mais tarde me contaram que as onças são inimigos mortais dos macacos, caça preferida e fácil. Nós a enterramos na horta. Um italiano e sua esposa vieram ao armazém e pediram a meu pai que lhes entregasse a onça. Este por fim cedeu. Foram à horta, desenterraram o bicho, começaram então com a limpeza das partes aproveitáveis no rio e o resto enterraram outra vez. Creio que fizeram um suculento assado e que era difícil acreditar naquela época. Vinte anos mais tarde, quando estava em Ma-

to Grosso, interior do Brasil, um caçador me ofereceu um pedaço desta carne. Experimentei a mesma, e senti que era de fato muito saborosa.

Todas as pessoas da região onde morávamos, ficaram contentes com o desaparecimento da onça. A notícia de que um felino desta espécie rondava a vizinhança se tinha espalhado. Quem, porém, ficou mais satisfeito foi meu pai, que ficara preocupado, pensando onde deixaria todo nosso gado que pastava livremente. A alegria no entanto durou pouco, pois uma segunda onça apareceu, e sobre o qual contarei mais tarde.

Mico agora mais calmo. Continuava a fazer artes e numa ocasião, ao entrar na cozinha, encontrei-o entre as melhores chincaras de porcelana de mãe, que as guardava numa prateleira alta, no guarda-roupa e fora do alcance das crianças. Lá estava o macaco examinando uma por uma. Desesperada, minha mãe, com avental estendido, corria de lá para cá acompanhando o Mico que fazia o mesmo. Foi engraçado ver minha mãe assim. Explodi numa gostosa gargalhada; ela zangou-se e mandou que tirasse Mico do meio da porcelana. Ultimamente ele vinha aprontando inúmeras travessuras: abria a torneira do barril de cachaça; quebrava ovos, tratava as galinhas, não com milho, mas de preferência usava açúcar, sal, feijão etc. Foi então que meu pai o levou para Blumenau, onde um senhor amigo tinha um igual. Quando voltou, contou que o encontro dos dois micos fora comovente: abraçaram-se. O outro trouxe tudo que encontrava para o Mico examinar, inclusive comida; fizeram logo boa amizade.

Meu irmão e eu tínhamos recebido de presente uma espingarda nova. Esta agora, de cano duplo. Infelizmente não tive muita sorte com a minha. Uma noite, quando fui à casa do Sr. Lawin, para buscar uma encomenda, no caminho de volta deparei com um gambá na estrada. Persegui-o e ele se refugiou numa árvore. Rápido fui para casa buscar a espingarda. O gambá continuava no mesmo lugar. Atirei mas não o acertei bem, pois quando caiu ao chão, procurou fugir. Não perdi tempo e fui atrás. Quando o alcancei usei a espingarda para bater no animal. Quando examinei depois a nova espingarda, estava sem cabo. Meu

pai criticou muito, dizendo que agora haviam terminado minhas caçadas. Era o pior que poderia me acontecer, ou ainda estávamos em pleno inverno e a caça era muito abundante. Um carpinteiro, que trabalhava conosco, se ofereceu para confeccionar um cabo novo, sem que papai soubesse. O homem, no entanto, disse que só poderia trabalhar em sua casa nas horas de folga. Minha caixa de economias infelizmente estava sempre vazia e assim só restava uma solução: trabalhar. Em pagamento eu me comprometi com o carpinteiro, prometendo levá-lo para algumas caçadas aos domingos. Schalinski pegou minha velha espingarda e eu a de cano duplo e restaurada. Dias antes treinei primeiro com ele tiro ao alvo. Toda a família também assistia as demonstrações de tiro de papai que era um exímio atirador. As caçadas do carpinteiro foram rendosas, como eu não fazia grande escolha, Schalinski entusiasmado com o resultado acabou comprando minha arma velha e assim eu ainda sai lucrando.

x x x

Também conhecemos as famosas formigas andarilhas. Na floresta faziam uma larga trilha, espantando insetos debaixo da terra. Eram seguidas por muitos pássaros que aproveitavam as sobras. Estas mesmas formigas são verdadeiro pesadelo quando invadem a casa: passam em todos os cantos, espantando os insetos escondidos, como baratas, aranhas e outros. Até nossa cobra muçurana, que vivia no forro da casa, fugiu delas, voltando mais tarde. Meu pai não permitia que se matasse aquela cobra, porque ela caçava e se alimentava de ratos e camundongos, assim como matava cobras venenosas. Certa vez um vizinho teve que refugiar-se na casa de outra pessoa com toda sua família, porque a invasão das formigas foi muito grande. Quando apareciam em nossa casa era sempre tempo de muito trabalho: os fregueses não podiam entrar no armazém e nós tínhamos que levar as compras até as residências dos mesmos.

Certo dia, na hora do almoço, o senhor Hahn veio com a notícia que um porco havia desaparecido. Procuramos por todo o pasto e nada encontramos. Estranhamos seu desaparecimento porque nunca se afastava muito dos outros animais devido a um defeito físico. Era manco. Papai primeiro pensou que tivesse caído numa gruta ou coisa parecida, nunca imaginado que outra onça estivesse outra vez agindo na vizinhança. Dois dias mais tarde, teve a confirmação, quando o Sr. Hahn veio especialmente do moinho comunicar que mais um porco tinha sido atacado por uma onça. Encontrara os restos do animal perto do moinho. Todos ficaram alarmados e tomaram logo providências, construindo novo alçapão, armadilhas de espingardas montadas, certos que na manhã seguinte encontraríamos a onça morta. Mas nada aconteceu e esperamos a noite seguinte. Outra vez nada de capturar a onça. O velho senhor Hahn profetizou-se a pernoitar no moinho e se ouvisse um ruído diferente daria o alarma. O "ruído diferente" prontamente aconteceu às 10 horas, quando porcos e ovelhas ficaram inquietos e assustados, fazendo barulho, acordando o velho, que saiu armado com um bastão querendo afugentar o felino com gritos. Mas nada adiantou. A fera atacou outro porco, arrastando-o para o mato. Então começou o trabalho urgente de construir estrebarias, chiqueiros, etc. para abrigar nossos animais. Nem podíamos trabalhar tão depressa como o tigre atacava. Num espaço de 10 dias, seis animais foram mortos. Arrancava-lhes apenas pulmão, coração e fígado, abandonando o resto. Parecia que queria vingar a morte do outro. Quando os abrigos ficaram prontos, os porcos e ovelhas foram recolhidos. Outros animais como cabras, mulas, cavalos e reses eram reunidos à noite no pasto junto de nossa casa. Infelizmente o galpão não era muito grande e somente calculado para as vacas leiteiras. Foi feito tudo para capturar a onça, com alçapão, com mais divisões, onde amarramos um porco como isca.

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

O resultado foi negativo. Matamos um macaco e o arrastamos pelo pasto para depois também usá-lo como isca, mas também não deu resultado. Algumas horas distante de nossa casa vivia num ranchinho um velho mulato que, como diziam, já matara muitas onças. Meu pai mandou buscar o velho. No dia seguinte veio acompanhado por dois esqueléticos cães e a caçada começou. Pretendia acompanhá-lo, mas disse que precisava seguir quase correndo os cães. Achei que seria difícil para mim e desisti da idéia. O velho fez três tentativas, que resultaram infrutíferas e desistiu deixando apenas seus cães. Recomendou a papai que soltasse os animais, mas era correr muito risco, e papai estava feliz por saber que estavam em segurança. Os cachorros do mulato já estavam acostumados à casa e viviam soltos. Estavam agora bem alimentados e tinham engordado. Um dia sentimos falta deles e fomos procurá-los, os encontrando na companhia do dono novamente e que estava feliz por ter os cães em casa e tão bem tratados.

Numa manhã, dia de abate de porcos, o açougueiro encarregado do trabalho não apareceu cedo. Começávamos o serviço sempre bem cedo para até a noite estar pronta e salgada a carne, a lingüiça feita, preparada a banha, etc. Também os primeiros compradores vinham cedo para obter bons pedaços de carne. Meu pai não fazia o trabalho de abate. O peão era muito desajeitado e ele estava ficando nervoso. Foi então que arrisquei manifestar-me dizendo que talvez o pudesse fazer, pois já tinha visto o trabalho do açougueiro inúmeras vezes. Três porcos estavam prontos para o abate. A empregada preparou uma grande bacia para aparar o sangue e eu comeci o trabalho. Tive sorte no primeiro, no segundo nem tanto, e com o terceiro também não tive problemas. Depois de terminado o abate apareceu o açougueiro muito nervoso. Estava a caminho de nossa propriedade pela estrada do moinho quando numa curva se viu frente a frente com a onça. Ficou tão assustado que nem raciocinou direito. Deu meia volta e correu para casa, acordou o irmão e cunhado, e, armados, os três voltaram ao local, mas a onça havia desaparecido; só encontraram as marcas das patas.

Não haviam se passado muitos

dias, quando fui procurado pelo filho de um colono que morava na quinta propriedade depois da nossa. O rapaz pediu que o acompanhasse, pois tinham localizado a onça que estava agora em cima de uma árvore, sem poder descer, porque os cães estavam latindo como enlouquecidos. Preparei minha espingarda e acompanhei o garoto, e, chegando ao local, nada mais encontramos, pois a onça havia sumido. Os cães quando viram seu dono partir, também resolveram deixar o local, gesto natural no procedimento de um cão de caça. Descreviam a onça como sendo de porte médio, parecida com a que nós havíamos morto. Em Mato Grosso, anos mais tarde vi onças de tamanho grande e respeitável. Naquele Estado era comum acontecer lutas entre onças e touros em cercados fechados. Diziam que nestas lutas geralmente saía vencedor o touro. Eu pessoalmente nunca assisti a nenhuma luta. Pessoas igualmente já foram atacadas pelas onças, como conheci dois casos. Meu tio Paulo, numa ocasião, subia de canoa o rio acima à procura de caça, quando subitamente saltou a onça para a margem e se preparou para um ataque. Meu tio, com tiro certo, pôs fim à vida do felino.

Em casa havíamos inventado uma nova brincadeira. Consistia em montar num cavalo ou mula sem sela, armados com arbustos como espadas. Procurávamos derrubar um ao outro da montaria. Nesta brincadeira a cabeça dos animais também levava uma ou outra chibatada, o que os assustava. O resultado foi desastroso porque a partir de então tornou-se difícil atrelar os cavalos às carroças ou mesmo selar os cavalos. Até a égua mais mansa e propriedade de mamãe se rebelou.

Quando determinado dia regressava do moinho com a carreta cheia de sacos de fubá, e puxada pela mula "Rose", ao chegar nas imediações de uma poça d'água da qual eu queria que ele desviasse, a chicoteei com mais força. Mas, teimosa, quis continuar o caminho por ela escolhido. Foi então que começou a apertar os passos, passando a correr. Eu caí da bôlvia, os sacos de fubá se espalharam pela estrada, uma roda vi voar para a esquerda, outra para a direita, e foi terrível. Pensava apreensivo como chegaria em casa, na explicação que daria a meu pai. Chegando mais perto da

casa, encontrei meu pai que já vinha ao meu encontro aprensivo. Quando me viu ficou tranqüilo. A mula chegara bem e estava sã e salva; também ninguém fora ferido na aventura. Agora sabíamos das conseqüências de nossa brincadeira com arbustos servindo de espadas. Uma certa mula de nossa propriedade, já devia ter quase 20 anos e foi dispensada do trabalho pesado. Meu pai resolveu então vender a mesma, mas já no outro dia se arrependeu. Quatro semanas mais tarde ela estava de volta. A mula tinha por hábito tomar banho de sol, deitando-se de costas no pasto, esticava as pernas aos quatro ventos. O proprietário, aprensivo de que o animal estava prestes a morrer, tratou de vendê-la o quanto antes. Foi assim que, em questão de um mês, trocou quatro vezes de dono até chegar novamente em nossa casa, para onde foi trazida por um homem que disse que a comprara. Papai logo reconheceu nossa velha mula e tratou de readquiri-la. A mula ficou pastando tranqüila e feliz junto com seus antigos companheiros.

Nosso atual professor mandou vir da Alemanha sua irmã, irmão e um amigo com a esposa e dois filhos. Vinham de uma grande cidade da Alemanha e três semanas mais tarde a esposa do amigo e uma criança regressavam à Alemanha. Poucas semanas depois o resto da família também abandonava Massaranduba e seguia para Santos. Novamente estávamos sem professor, o que lamentávamos bastante. Minha irmã Ella encontrava-se em Blumenau na casa de amigos, e preparava-se para a comunhão. Agora com 13 anos ficara em casa. Foi então que meus pais se lembraram que não havíamos sido batizados ainda. Meu irmão Poldi e Ella seriam batizados em Blumenau, antes da comunhão. Também os cinco filhos de meu tio, que morava em Warnow estavam na mesma situação. Warnow ficava a meio caminho de Blumenau, só em outra direção que Massaranduba. Tínhamos que percorrer um caminho de 60 km e que levou 1 dia e meio de viagem com a carroça. Na casa do tio Haeschl foi festejado o batizado em massa. Este tio, um pouco mais culto, preparou uma grande festa. Logo depois da cerimônia na igreja, foi servido um almoço em sua casa. Em volta de uma grande mesa foi reunida a "sociedade"

e uma mesa separada para nós, o que recebemos com satisfação, porque assim poderíamos comer o que e quando quiséssemos. A festa decorreu na maior harmonia e alegria e lamentamos muito a hora da partida, mas meus pais tinham seus compromissos e era chegada a hora de regressar.

Nosso velho moleiro Hahn, foi embora o que lamentamos muito e mais ainda sua morte que ocorreu três meses mais tarde. Meu irmão Poldi havia terminado seu aprendizado e voltou para casa. Meu pai foi curto e preciso, declarando que não contrataria novo moleiro e que este trabalho ficaria agora a cargo de nós rapazes. Comecei a trabalhar com meu irmão, (que não ficou muito tempo em casa) o serviço era monótono e não era muito do meu agrado. Procurei distração no trabalho de carpintaria. Papai havia construído uma pequena oficina bem aparelhada ao lado do moinho, e lá eu passava algumas horas por dia procurando distração. Uma vez, estava ocupado na oficina, cigarro na boca, concentrado no que fazia, e não percebi a chegada de papai. Quando o vi tive apenas tempo de jogar fora o cigarro que por infelicidade caiu num monte de cepilho. Logo começou a espalhar-se uma pequena nuvem de fumaça. Ver isto e me aplicar uma saudável bofetada foi o gesto de meu pai, seguido por uma tremenda surra, que nunca esqueci. Foi a penúltima.

Ainda nada escrevi sobre os imigrantes que se instalaram em Massaranduba. O governo brasileiro pagava a viagem até o lugar de destino. Viajavam na 4.^a classe de um navio, recebiam um lugar indicado num compartimento maior e destinado para este fim, onde encontravam beliches armados, recebiam um colchão e cobertor, e louça de zinco. Homens e mulheres estavam separados. Na hora da comida, cada um recebia sua porção no prato. Com bom tempo ficavam ao ar livre, no convés; em dias de chuva permaneciam na cabine. Os navios alemães, quando chegavam ao destino, atiravam os colchões e cobertores ao mar e, a louça as pessoas geralmente levavam. A comida era farta e boa; recebiam pães em abundância. Os navios ancoravam no porto de Itajaí e de lá um vapor levava 56 km rio acima até Blumenau. Quando chegavam àquela cidade, eram recolhidos em um

galpão especialmente construído para os imigrantes. Permaneciam alguns dias, quando então eram levados ao interior, até a terra onde seria erguida outra colônia; recebiam o lote de terra destinado a eles. Ao receber seu lote ou o que lhe fora destinado, iniciavam o desmatamento e construíam rústicas cabanas de bambu ou de árvores derrubadas. Recolhiam-se ao galpão que lhe fora destinado até o término da construção de suas casas. Esta permanência no rancho dos imigrantes era a fase mais dolorosa. A comida estranha, de feijão, arroz e carne seca diariamente, e uma vez ou outra um pedaço de pão de milho. O desespero era grande. Muitas lágrimas amargas foram derramadas; surgiam as doenças, crianças morriam, um ambiente triste e desolador. Uma vez terminadas as choupanas e instalados nelas recebiam o assim chamado "Budengeld" (dinheiro em casa). Eram 50 ou 100 mil réis como empréstimo para a continuação do trabalho e era adicionado ao preço total da compra que variava de 200 a 300 contos de réis e tinham 15 anos para pagar a dívida. Naturalmente as pessoas não podiam sobreviver com este dinheiro até a primeira colheita. Quem podia, ainda trabalhava na abertura de estradas ou emprestava simplesmente no armazém. Assim passava o primeiro ano de necessidade. Galinhas e porcos, quem podia adquirir em pouco tempo, mas todos estavam empenhados em comprar o mais rápido possível uma vaca, que lhes fornecesse leite, manteiga, queijo e auxiliava no sustento da família. A mandioca também fornecia uma variedade de formas de preparo. Aqui eu me lembro muito de casa onde nunca faltava o queijo fresco, a lingüiça, manteiga, etc. Na mesa do café, a lingüiça já não apreciávamos muito, pois tínhamos comido demais dela. Ouço ainda minha mãe dizer que no futuro nos lembrariamos muitas vezes desta mesa farta e que ainda dariamos graças para ter um pedaço de lingüiça. — Como ela tinha razão!

Se um colono chegava ao ponto de possuir uma vaca então progredia. A escolha da terra era um fator importante. Muitos imigrantes, na sua maioria, desconheciam esta parte e aceitavam o lote que lhes davam, apesar de poder escolher. Assim, nosso vizinho Neck teve a sorte de conseguir

um ótimo lote e tinha no bolso só 40 réis quando chegou a Blumenau e que gastou na cachaça, dizia sua esposa. A maioria dos imigrantes, que se fixaram em Massaranduba, vinham da Prússia Oriental e eram colonos acostumados ao trabalho, além de muito humildes. Conheço casas em que a família depois de alguns anos de trabalho, vendeu a terra, regressando à Alemanha. Mas as cartas mais tarde escritas estavam cheias de arrependimento, pelo gesto precipitado. Dos poloneses que se fixaram nesta região, poucos progrediram. Primeiro, porque eram preguiçosos; segundo, analfabetos e terceiro apreciavam por demais a cachaça. Os italianos, ao contrário, prosperaram; dedicavam-se ao plantio de fumo e uvas para a fabricação de vinho. Os alemães se entregaram mais ao desenvolvimento do gado e plantio do milho. Fortunas não conseguiam juntar, mas tinham o suficiente para viver bem e tranquilos.

Tio Paul e seu genro compraram um grande complexo de terras do governo, que dividiram em lotes normais e revenderam, não para os imigrantes, mas sim para pessoas já estabelecidas na área. A medição dos lotes corria por conta do dono do complexo de terra e a medição era feita por um agrimensor credenciado pelo Estado. Este precisava para o trabalho de cerca de 10 a 12 homens, que abrissem picadas pela floresta para facilitar a passagem tanto dos homens como dos aparelhos e instrumentos necessários. Eu trabalhava no grupo como "ajudante". Papai não ficou muito entusiasmado com a idéia, mas como se tratava de apenas três semanas, concordou. Cinco homens abriam a picada pela floresta, dois transportavam o material mais delicado, dois ajudantes outros pertences e material, por último um cozinheiro acompanhava o grupo. Numa clareira, junto a um riacho, de preferência, era levantado um tosco rancho; as "camas" preparadas com grandes folhas de palmeiras e pronto, estava feita a "casa". Às seis horas da manhã levantávamos. No riacho próximo tomávamos banho e depois tomávamos café e almoço ao mesmo tempo. Era feijão, carne seca e toucinho, tudo cozido numa panela só, acompanhado de farinha-de-mandioca, e em seguida servido um café preto com muito açúcar. Às 7 horas começava o tra-

balho e terminava às 4 horas da tarde. Quando regressávamos ao rancho, era servido o mesmo que comemos de manhã no café.

Se um dos homens, durante o dia, abatia uma caça, uma galinha silvestre ou outra ave, o cozinheiro, jogava na panela com água e sal. Porém comíamos com o mesmo apetite como se estivéssemos em casa. Provavelmente o trabalho pesado durante o dia e o ar puro da floresta influenciavam nosso apetite. Muitas vezes não era possível construir logo um novo rancho e o caminho de volta era uma boa caminhada. Estas muitas vezes se tornavam perigosas, porque freqüentemente encontrávamos cobras venenosas. A mais perigosa era a Jararaca. Eu já tinha visto cobras desta espécie e de mais de 2,50m de comprimento. Certo dia um dos homens do nosso grupo pisou, sem perceber, numa Jararaca e esta cravou seus dentes em seu pé. Imediatamente os companheiros improvisaram um torniquete com o seu próprio cinto, acima da mordida. Transportaram o amigo o mais rápido possível ao rancho, pegaram o pé ferido e o aproximaram do fogo, tão perto quanto pudesse suportar. Ao mesmo tempo deram-lhe café preto bem forte e bastante cachaça, tanta que em questão de 10 minutos estava completamente bêbado. Então as mordidas começaram a sangrar, um sangue escuro quase preto, misturado com o veneno que saía das feridas. Sua perna estava muito inchada e os companheiros tinham o cuidado de transferir o torniquete sempre mais para cima da ferida. Durante uma hora seguraram o pé junto ao fogo. Depois queimaram as feridas com carvão em brasa. O tratamento se repetia e durou algumas horas. Para meu espanto, no dia seguinte, ele estava bom e não demorou uma semana estava acompanhando o grupo novamente ao trabalho.

Passadas as três semanas voltei para casa, onde tinha acontecido um fato significativo: a família ficou mais numerosa — nasceram nestas semanas meus irmãos gêmeos. Agora éramos 5 rapazes e três meninas. Papai estava

de mau humor e era aconselhável não chegar muito perto. Não contara com este acréscimo na família. Estava preparado para receber um filho, mas recebendo em duplicata o assustara um pouco. Este mau humor durou pouco. Logo se afeioou aos pequenos que em breve se tornaram a alegria da casa. Apesar da escola ter recebido um novo professor, eu não a freqüentava. Muito me admirava a atitude de meu pai, que sempre foi a favor do estudo. Creio que a esperança dele era, que eu mais tarde, assumisse a direção da propriedade que ele criara com tanto carinho e para isto não precisava de muito estudo. Eu, no entanto, tinha um espírito aventureiro e inquieto. Queria conhecer outros lugares e não só Blumenau e Massaranduba. Hoje sei, que meu pai tinha razão — eu teria tido uma vida bem mais tranqüila, mas não quero mostrar-me mal agradecido pois muito vi e conheci neste mundo.

Nesta época já tinha alcançado a idade de 15 anos e preparava-me para a comunhão. Duas vezes por semana assistia às aulas preparatórias. Freqüentemente ia a Blumenau vender os produtos de nossa fabricação, como lingüiça, manteiga, legumes e frutas. Certo dia, ocupado com o abate de porcos e demorando mais tempo em liberar a empregada que minha mãe precisava na cozinha, ela ficou impaciente e respondeu asperamente. Disse que seria melhor contratar um peão para este trabalho e me deixassem estudar. Não havia percebido a presença de meu pai que ouviu minhas palavras e incontinentemente senti as bofetadas estalarem em meu rosto, dizendo que os pais sabiam o que era melhor para os filhos. Em novembro aconteceu este fato e em janeiro do ano seguinte agora com 16 anos comecei meu aprendizado. Ainda hoje, depois de velho, tenho certeza que meu pai queria que eu permanecesse em casa para dar continuidade ao que ele construiu com muito sacrifício e carinho. Verdade seja dita, minha vida teria sido muito mais tranqüila, mas então, eu não teria visto e conhecido o mundo.

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

O QUE NOSSO PAI CONTOU

Com mais 5 outras famílias meus avós partiram de Hamburgo em um veleiro, com destino ao Brasil. A viagem até Itajaí levou quatro meses. Em grandes canoas foram transportados até Blumenau, onde no galpão destinado aos imigrantes encontraram abrigo. Como eram somente sete famílias e todos se conheceram bem durante a longa viagem, as condições não eram tão drásticas como as que relatei sobre Massaranduba. Assim, o garoto de apenas 11 anos, achou tudo maravilhoso. Na cidade os lotes já tinham sido todos distribuídos, e assim, meus avós tiveram que instalar-se cerca de 4 km distante do centro. Como já havia alemães estabelecidos no lugar há alguns anos, foi fácil obter o que precisavam. A caça lhes trazia a carne e peixe também tinha nos rios. Quando alguém, à noitinha ia pescar, em pouco tempo trazia peixe suficiente para um bom jantar. As pessoas que emigraram na ocasião da vinda do Dr. Blumenau, pareciam todos dispor de algum dinheiro e estavam em contato mais ou menos direto com o mesmo. Entre eles havia quatro famílias nobres, que estas não vieram ao Brasil à procura de aventuras, mas sim de uma nova existência, o que era bem claro. Em grande parte também tiveram sorte; porém somente seus filhos, mais tarde, chegaram a um nível de prosperidade.

Meu avô paterno, foi militar na Alemanha. A que classe ou grau pertenceu nunca descobri. Soube apenas, que, de uma forma ou outra, provavelmente por sua própria culpa, perdeu toda sua fortuna. Tinha um espírito revolucionário e estou certo de que minha avó, da qual tenho uma vaga lembrança, não tinha uma vida fácil ao lado dele e mais cinco filhos. Meu pai recordava a mãe sempre carinhosamente, mas pouco falava do pai.

Dr. Blumenau tinha uma mula que praticamente pertencia à toda a comunidade. Os chefes de família dos emigrados recebiam a mula emprestada para visitar o local onde se implantava uma nova colônia. A mula conhecia o local melhor do que o visitante. Dr. Blumenau pouco usava este animal. Tinha seu próprio cavalo. A mula, com o decorrer do tempo, ado-

tou o costume de levar seu "cavaleiro", quisesse ou não, primeiro ao botiquim de meus avós, onde tinham que tomar uma cachaça ou cerveja de açúcar fermentado, para depois seguir viagem.

Por um motivo qualquer e que desconheço, meu avô e Dr. Blumenau eram "inimigos" sem que a mula pudesse ser culpada por isto, mas podemos dizer que tomou o partido de meu avô. Aconteceu que certo dia, Dr. Blumenau veio montado nesta mula e esta como de costume fez sua parada no bar dos Eberts. Não adiantaram chicotadas ou boas palavras. Ela queria que Dr. Blumenau também tomasse a sua cachaça. Como Dr. Blumenau era, no entanto, de outra opinião, uma batalha com sua mula foi travada no terreno de seu inimigo. Meu avô olhava pela janela, reclinando-se ainda bem para que Dr. Blumenau também o visse. Meu avô, em altos brados, chamou os filhos para que trouxessem um forcado para tirar a mula do terreno. Meu pai contou que não obedeceram o pai, mas seguraram a mula pela cabeça e meu tio Robert a empurrava. Assim acompanharam Dr. Blumenau um bom pedaço de caminho e em troca ainda receberam uma gorjeta.

Alguns anos mais tarde, meus avós abriram na cidade de Blumenau, um bar e salão para festas. Provavelmente haviam recebido auxílio financeiro de parentes na Alemanha. No salão aconteciam frequentes festas como bailes, casamentos, batizados etc. No bar se reuniam durante a semana os homens para o jogo de skat ou simplesmente trocar idéias e opiniões sobre os últimos acontecimentos da cidade. Bebiam sua cerveja e cachaça e o ambiente logo se animava. Meu avô até havia providenciado um lugar para pernoite e que era destinado para aquele ou aqueles que não encontrassem o caminho para casa. Muitas festas aconteceram naquele salão.

O velho Ebert também tinha seus cavalos e quando saía, como todo ex-militar, levava seu ajudante e que era sempre meu pai. Paravam também para cumprimentar os amigos e trocar idéias entre uma cachaça ou cerveja, enquanto meu pai cuidava dos cavalos. Quando o velho voltava, geralmente já vinha um pouco "alto" e caía no tom de comando militar. Mon-

tavam os cavalos que logo passavam do passo ao trote, depois ao galope até em casa. A senhora, em cuja casa eu morava e aprendia meu ofício com seu marido, veio com seus pais para Blumenau 2 anos antes que meus avôs. Aquela senhora contou várias vezes que fizeram viagens até Itajaí de canoa, levando dois dias e meio para chegar. Pernoitavam na própria embarcação bem no meio do rio, onde estavam ao abrigo dos ataques dos bugres e onças. Estas viagens eram muito difíceis, principalmente em épocas de enchentes que eram frequentes. Uma grande aconteceu em 1880 e eu não havia nascido ainda, e em 1911, ocasião de outra grande enchente, eu estava no Rio de Janeiro. Também contou esta senhora que na enchente de 1911 o vapor Blumenau circulava no centro da cidade, recolhendo as pessoas ilhadas. Na opinião dela, já podíamos ter tido uma comunicação fluvial bem mais cedo, porque meu avô tinha apresentado um projeto a este respeito. Disse ainda esta senhora que a idéia fracassou apenas por falta de auxílio dos homens de dinheiro em Blumenau. Meu avô era ridicularizado nos quadros de sombras chinesas (o cinema da época) mostrando-o encalhado com seu vapor num rochedo, em pleno rio Itajaí. Estas apresentações eram muito apreciadas tanto pelas crianças como adultos, pois nestes quadros encontravam uma

forma de diversão, ridicularizando-se mutuamente em pequenos episódios banais acontecidos na vida cotidiana.

Blumenau, também foi vítima, certa vez, de um ataque dos Bugres. Estes foram vistos rondando as casas. Os moradores se prepararam para o ataque; as crianças foram recolhidas ao sótão das casas, onde os outros moradores também se esconderam, recolhendo a escada e fechando o alçapão que dava acesso ao sótão e ali esperaram o ataque. Poucos homens tinham armas e os que possuíam uma, atiraram por entre os bugres que atacaram com flechadas. Logo os índios fugiram assustados e os moradores encontraram um selvagem ferido; estava ainda vivo mas morreu algumas horas depois. Desde então os bugres nunca mais atacaram a cidade. Mas os moradores, mesmo assim, ficaram preocupados em se armarem bem. Muito mais tarde aconteceram outros ataques mas em lugares cerca de 60 km afastados de Blumenau. Nestes ataques alguns colonos alemães e italianos morreram.

xxx

Meu pai, narrador destas lembranças, faleceu um ano mais tarde no ano de 1947, em Vigo (Espanha).

Edith Ebert Kuhles

Rua João de Oliveira Passos, 75 —
Bairro Bom Retiro/80.000 - Curitiba-PR.

(Tradução . Edith Sophia Eimer)

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

Prefeito Dalto dos Reis e Embaixador da DDR abriram a exposição fotográfica na Biblioteca

Como parte da programação relativa às festividades comemorativas aos 136 anos de fundação de Blumenau, foi realizada, dia 2 de setembro, a solenidade de abertura de uma exposição fotográfica da República Democrática Alemã, pátria do fundador desta cidade.

A abertura da exposição registrou-se logo após concluídas as solenidades que, em homenagem ao fundador, foram realizadas no Mausoléu em que se acham os restos mortais do Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau e seus familiares.

Na ocasião, o prefeito Dalto dos Reis e o Embaixador da DDR, Sr. Werner Haenold, desataram a fita simbólica que deu por inaugurada a exposição, que, nos dias que se seguiram, foi muito visitada.

Ainda na oportunidade, em presença do embaixador e numerosas autoridades outras, civis e militares, foi feita a entrega, pelo prefeito Dalto dos Reis, de oito bandeiras procedentes de oito cidades da República Federal da Alemanha (FRG), ao diretor executivo da Fundação, jornalista José Gonçalves, cujas bandeiras ficaram anexadas às outras já existentes e que passaram a ser hasteadas, diariamente, uma em frente a Biblioteca "Dr. Fritz Müller".

Por ocasião do ato inaugural, fez uso da palavra o diretor da Fundação "Casa Dr. Blumenau", agradecendo a presença do sr. Embaixador da DDR, inclusive pela oferta de numerosos livros em idioma alemão, versando sobre literatura, livros técnicos e generalidades.



O clichê acima registra o momento em que o Prefeito Dalto dos Reis e o Embaixador Werner Haenold desatam a fita simbólica que deu por inaugurada a exposição de fotos da DDR, na sala de honra da Biblioteca "Dr. Fritz Müller", na presença de numerosas pessoas que participaram da solenidade.

Agradeceu, ainda a presença do prefeito Dalto dos Reis e as numerosas pessoas que assistiram aquele ato.



Os flagrantes mostram, no primeiro plano, à esquerda, acima o diretor executivo da Fundação, jornalista José Gonçalves, quando falava à respeito da importância do acontecimento. À direita, dá explicações ao embaixador Haenold. Embaixo, à esquerda, o prefeito Dalto dos Reis faz entrega ao diretor da Fundação, de diversas bandeiras oriundas de cidades alemãs. À esquerda, o embaixador Haenold faz a entrega, à Fundação "Casa Dr. Blumenau", de importantes e valiosos livros, assim como LPs contendo músicas clássicas dos mais afamados compositores.

GRANDE SUCESSO DA OKTOBERFEST

Sem precedentes foi o sucesso, deste ano, da OKTOBERFEST, promoção da Prefeitura de Blumenau, através da Secretaria de Turismo. O comparecimento de três bandas musicais vindas da Alemanha, além da perfeita organização de todos os serviços prestados por ocasião das noitadas, fez com que, não só os blumenauenses e moradores do Vale do Itajaí repetissem a visita aos pavilhões por várias vezes, mas também turistas aqui permaneceram por vários dias. Para que se tenha uma idéia do êxito da promoção, que tornar-se-á, daqui para a frente, uma promoção de caráter nacional, basta dizer que 802.330 pessoas pagaram ingresso, durante os 17 dias de festa, tendo consumido 484.851 litros de chope, 15.597 salsichas, 15.346 frangos, 15.148 "schlachtplate" e 19.248 marrecos ao repolho roxo.

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Alonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Rolf Ehlke* — *Nestor Seára Heusi* — *Ingo Wolfgang Hering* — *Martinho Bruning* — *Urda Alice Klueger* — *Frederico Blaul* — *Frederico Kilian* — *Olivo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM, ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA